

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

DANIELI MACHADO BEZERRA

PROSTITUTAS ENTENDIDAS: O QUE ENTENDER?

NATAL/ RN
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

DANIELI MACHADO BEZERRA

PROSTITUTAS ENTENDIDAS: O QUE ENTENDER?

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciências Sociais.

Orientador:
Prof. Dr. Edmilsom Lopes Júnior

NATAL/ RN
2009

DANIELI MACHADO BEZERRA

PROSTITUTAS ENTENDIDAS: O QUE ENTENDER?

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciências Sociais, foi considerada aprovada por todos os membros da Banca Examinadora.

Natal, _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Edmilsom Lopes Júnior

Prof^a. Dr^a. Gláucia Helena Araújo Russo

Prof^a. Dr^a Ana Laudelina Ferreira Gomes

Às mulheres prostitutas entendidas, dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradecer não é tarefa fácil, porém, algumas pessoas são importantes e fundamentais nesse percurso intelectual.

Cabe, neste ponto, descrever através da grandiloquência da poesia a emoção que me foi dada pelas pessoas a seguir, no caminhar desta pesquisa que me valeu lágrimas, dores, sorrisos, gargalhadas, tristezas e alegrias.

Ao Programa de PGCS/UFRN, que me possibilitou um conhecimento grandioso nesses anos de mestrado e fez-me perceber que o tempo tem seu tempo.

À professora doutora e querida amiga, Ana Tereza Lemos Nelson, que, inicialmente, antes de eu entrar neste Programa, já me auxiliava com algumas sugestões singelas e pontuais sobre o que eu pretendia desenvolver e que, aos poucos, foi se revelando uma pessoa maravilhosa e que não pode continuar comigo nesse processo como orientadora. Também vale acrescentar que sua contribuição em minha formação foi mágica, porque com ela aprendi que as teorias são importantes, desde que saibamos sentir a emoção da música, do cinema, das artes plásticas e da vida. Ademais, nada vale a pena.

Ao professor doutor Edmilson Lopes, que se sensibilizou diante de alguns problemas institucionais e pegou o bonde andando. Com ele, aprendi que tudo vale a pena, porque, no final, “vai dá certo”. E deu!

Às professoras doutoras, Gláucia Russo e Ana Laudelina, porque foram muito importantes no processo de qualificação, fazendo-me acreditar que eu poderia continuar.

À minha mãe, Ivani Machado, que sabe que esta conquista também é parte de uma conquista dela, porque, mesmo sendo ausente, acredita que eu posso chegar longe. Que, sabiamente, já tinha escrito, quando eu era criança, que eu e minhas irmãs íamos ter muitas surpresas. Acertou!

À minha “vó” querida (Mãe-dete), que, em uma manhã de fevereiro de 1984, presenteou-me, com um caderno simples, um lápis grafite HB2, uma borracha Mercur branca e uma caneta Bic, que são muito importantes hoje – eternos amigos – que me fazem construir “um quilo de idéias dentro de um saco de um quilo”. Sempre grata a essa velhinha cheirosa e linda.

Às minhas irmãs, Danielini e Daiana, e ao meu irmão, Louis Arthur, que, respectivamente, agora Neline vai fazer Física e Dai com a Clarissinha – sobrinha – em seu primeiro dia aula, vai ter muita dúvida sobre a vida, porque agora tem certeza que mamãe e papai não vão estar sempre com ela. Em relação a Louis Arthur, que agora vai estudar pela manhã e terá muita dúvida em Física, Química e Matemática. Agradeço as risadas e brincadeiras em nossos poucos momentos juntos.

Não me esqueci do Pirilo (o cãozinho da Neline e integrante da família), que era quem mais percebia quando eu chorava e sorria, preparando-me para o mestrado.

Aos tios e tias de São Gonçalo: Ivania, Irani, Cacá, Gilsom, Genilsom, Tércio, Ivam e João Maria, este, em especial, foi muito importante para a minha conquista de ter entrado no mestrado, pois, nas horas de folga, em sua pizzaria, quando eu trabalhava lá, fez-me acreditar que meu esforço valia a pena, dando-me alegria, carinho e ajuda financeira. Nunca me esquecerei disso.

Ao amigo Denes Dantas, fazendo-me ver que eu não estudava em vão à época da seleção do mestrado. Além disso, com ele, aprendi que se bebe cerveja, sim! E bebemos muitas vezes para desopilar lá na Continental. Conheci gente e vi uma Natal para mim, até então, desconhecida.

Ao querido amigo Paulinho Milhomens, que faz jus ao seu nome, já que, embora amigo recente, sentimos nossa amizade sendo construída para a eternidade. Foi com ele que vi que essa pesquisa tinha que ser concluída, porque me deu ânimo e energia para o desfecho final. Com ele, compartilhei minhas mais intensas dúvidas, estranhamentos teóricos, teimosia, lágrimas, alegrias; além do que esteve presente comigo em minha primeira ida ao cabaré, como também esteve presente na plasticidade das dificuldades, vendo filmes e compartilhando músicas de um requinte *Cult*, quando eu sentia necessidade de desopilar.

À querida amiga Amapola Janaína Henrique, que viu minhas angústias mais causticantes durante uma fase de meu trabalho que a escrita não surgia e, uma vez, no reaparecimento da escrita, ela, pacientemente, acalentava meu espírito, dizendo-me uma vez: “pensei que isso não fosse mais acontecer”. E sorria, quando eu sorria e chorava, quando eu também sorria e chorava.

Às queridas Amapolas: Juju, Ana Elvira, Fabíola, Belezura (gata/animal), que me deram força, tenazmente, quando na imanência do surgimento da escrita, acreditavam que eu sofria, sofrendo comigo, desopilando em milhões de porres que bebemos juntas.

Às queridas Amapolas por extensão: Eduarda, Heloísa, Andréia, Nayline, que não morando lá conosco, sempre davam um jeitinho de estarem em nossas proximidades. A importância de nossas conversas auxiliou-me na plasticidade da compreensão sobre a vida de uma forma leve e gostosa, sem as angústias que às vezes a escrita me proporcionava.

Às letras, que são companheiras de crônicas diárias e que serão constantes e presentes em minha vida com outro tipo de escrita, depois que esta dissertação for defendida.

À CAPES, pela bolsa-auxílio, que me foi concedida durante os dois anos de mestrado.

À Kadma, que não sabe por que entrou nesta lista de agradecimentos. Risos...

MINHA PRIMEIRA VEZ NO CABARÉ

Fugindo da nostalgia
Vou procurar alegria
Na ilusão dos cabarés
Sinto beijos no meu rosto
E bebo por meu desgosto
Relembrando o que tu és

A MULHER QUE FICOU NA TAÇA
Orestes Barbosa, 1933

Estava caminhando pelas ruas e com uma sensação de que as pessoas que me olhavam sabiam aonde eu estava indo. Uma espécie de paranóia como acontece em quem fuma maconha pela primeira vez. Temos a impressão de que todo mundo que nos vê sabe o que estamos fazendo e para aonde estamos indo. Continuei. Parei algumas vezes para perguntar onde se localizava a avenida procurada. Depois de algum tempo, achei.

A cabeça fervia, a pele suada coçava e com o suor do sol do meio-dia fui contando os números das casas da rua até achar o meu destino. Não demorou muito e, enfim, quando percebi, já entrava lá na tal casa que há alguns segundos para mim era desafio achá-la. Entrei e a primeira frase pronunciada à Joselita, uma mulher de aproximadamente 48 anos, que estava no bar e que havia me recebido, foi essa:

- Por favor, uma cerveja?

Ela franziu a testa como quem fizesse uma pergunta em um tempo ultrarápido de uma curiosidade comum, afinal eu era uma moça que não pertencia àquele universo. Trouxe-me a cerveja servida em um copo americano pequeno, decorado com listrinhas simétricas. Naquele momento, ela teve a dúvida constante de que eu não estava ali apenas para beber.

Sentei-me em uma mesa de plástico branca com a companhia de três cadeiras desocupadas, logo em seguida surge Joselita, com a certeza de que eu não estava naquele ambiente apenas para beber em um dia calorento como aquele.

Falei sobre uma pesquisa que estava fazendo para a Universidade e que o meu tema era sobre prostitutas e que eu havia escolhido aquela casa, porque o nome do cabaré tinha me chamado atenção. Eu havia entrado em contato com as mulheres que fazem parte de uma ONG que cuida das questões sobre a prostituição em Natal, e me disseram todos os nomes dos cabarés cadastrados e um deles chamava-se Casa do Amor. Confessei para ela que tinha uma curiosidade enorme

sobre o que queriam dizer com aquele nome, pois ali era um ambiente de trabalho e que o menos interessante para aquelas mulheres que lá trabalhavam, segundo minhas hipóteses, era que se demonstrasse alguma manifestação de amor entre os seus clientes.

Eu já havia tomado três cervejas, o que, para uma pessoa não muito resistente ao álcool, era o suficiente para eu estar embriagada, porém, consciente do que estava acontecendo ao meu redor.

Emma sentou-se ao meu lado e falou-me sobre algumas prostitutas que tinham “sentimentos profundos entre elas” e que namoravam e, ou tinham companheiras. As mulheres da vida existem não apenas para embalar as carências dos homens que as procuram tal como nos mostram os versos descritos inicialmente em itálico, também sonham e desejam ser livres no que diz respeito ao amor.

“A mulher que ficou na taça”, canção criada pelo Orestes Barbosa em 1933, já não traduz as decepções e os amores perdidos do seu tempo. O que acontece hoje é uma constatação nostálgica em relação ao que acontecia na História e que as mulheres não se permitiam viver. Alguma coisa mudou. A taça também está nas mãos das mulheres.

Danieli Machado Bezerra

RESUMO

Nesta pesquisa, propomos uma discussão a partir do que observamos em nosso trabalho de campo, que são mulheres prostitutas e que se autodefinem entendidas. Verificamos se essas mulheres praticam sexo com homens através de uma relação de trabalho e com mulheres a partir da relação de afeto. Analisamos esta prática da atividade sexual como sendo mais uma possível expressão da sexualidade. Há muitos estudos que tratam de questões em torno da temática sobre a prostituição e a homossexualidade, no que diz respeito a vários aspectos e disciplinas. Nossa proposta de estudo com essas mulheres é um tema que está na ordem do dia, pois, hoje, a temática sobre prostituição e homossexualidade está bastante discutida no âmbito das Ciências Humanas em geral. Esses novos estudos sobre a sexualidade nos apontam um lugar privilegiado, discutindo valores associados à intimidade da pessoa moderna, como também apontam discussões que permeiam elementos que fundamentam a identidade de mulheres que fazem sexo com mulheres e com homens, sendo, esta última, a atividade sexual mediada através da relação de trabalho pelo interesse financeiro, pois segundo nossas informantes, a prostituição é um trabalho. A partir do relato de nossas participantes/informantes, verificamos que suas respostas se coadunam às diferentes marcas sociais que delimitam o campo de possibilidades das práticas sexuais dos indivíduos, levantando questões sobre a origem e classe social, história familiar, etapa do ciclo de vida em que se encontram as relações de gênero estatuídas no universo em que habitam. Todos esses elementos fornecem as balizas para o processo de modelação da subjetividade, entendido como as circunstâncias sociais e biográficas que delimitam o sentido do eu diante desta nova constituição do sujeito, nisso que é definido, por muitos teóricos das Ciências Humanas, como pós-modernidade ou modernidade; e as insurgências que temos com a liberação que os movimentos gays e lésbicos tiveram em problematizar e tornar público à politização da sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Entendidas. Estudos Queer. Identidade. Prostituição. Sexualidade.

ABSTRACT

In this research, we propose a discussion from that observed in our field of work that women are prostitutes and who self-define understood. We check these women have sex with men by means of work and with women from the relationship of affection. We analyzed the practice of sexual activity as another possible expression of sexuality. There are many studies that deal with issues around the theme of prostitution and homosexuality in regard to various aspects and disciplines. Our proposal for study with these women is a topic that is on the agenda, as today, the theme of prostitution and homosexuality is well discussed within the Humanities in general. These new studies indicate about sexuality in a privileged place discussing values associated with the intimacy of the modern person, but also suggest that permeate discussions elements underlying the identity of women who have sex with women and men, the latter being, sexual activity mediated through the employment relationship by the financial interest, because according to our informants, prostitution is a job. From the reports of our participants / informants your answers fit the various brands that define the social field of possibilities of the sexual practices of individuals, raising questions about the origin and social class, family history, stage of life they are set of gender relations in the universe in which they live. All these elements provide the beacons to the process of shaping of subjectivity, understood as the social and biographical circumstances that define the direction I face this new constitution of the subject, it is defined by many theorists of the humanities, such as post-modern or modernity, and the insurgency that we have with the liberation movements that gays and lesbians were in question and make the politicization of sexuality.

KEYWORDS: Identity. Prostitution. Queer Studies. Sexuality. Understood.

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 | NO FINAL DE TUDO ISSO, VOCÊ VAI SER SEXÓLOGA? | 13 |
| 3 | TÁ PENSANDO O QUÊ? SOU PUTA, E DAÍ? | 28 |
| 3.1 | O CORPO É MEU E DOU A QUEM EU QUERO..... | 38 |
| 3.2 | O QUE É QUE TEM DE EU MOSTRAR A...?..... | 49 |
| 4 | TU É ENTENDIDA, NÉ, DOIDINHA? | 53 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 74 |
| | REFERÊNCIAS | 78 |
| | ANEXOS | |

1 INTRODUÇÃO

O trabalho de investigação que levou à elaboração desta dissertação situa-se no interior dos estudos sobre sexualidade, identidade e corporeidades. O objeto da pesquisa são as relações que se estabelecem entre práticas eróticas, identidades e corporeidades por mulheres prostitutas e que se autodefinem entendidas. O recorte empírico inclui mulheres que tem práticas eróticas com homens e com mulheres, são maiores de 18 anos e fazem programas em dois cabarés em um bairro comercial na Cidade do Natal/RN. Para além do diálogo teórico com os estudos de sexualidade nas Ciências Sociais, este trabalho procurou compreender a questão da identidade de mulheres prostitutas que também se nomeiam como entendidas.

Este trabalho se detém sobre material produzido durante os meses de setembro de 2007 a janeiro de 2008, a partir de observação etnográfica em dois cabarés que têm a permanência de prostitutas entendidas e de um conjunto de entrevistas que foram feitas ao longo desse tempo. Foram realizadas com um caráter de livre associação das idéias e depois analisadas as falas das mulheres em questão. O critério de seleção dessas mulheres foi saber se elas eram mulheres que moravam nos cabarés e não sendo prostitutas do sistema de rotatividade dos cabarés das capitais do Nordeste, ou seja, se elas eram apenas mulheres que ficavam hospedadas nos cabarés, isso para mim não interessava.

A seguir, apresento o modo como se estruturam os capítulos deste trabalho: o primeiro Capítulo, “No final de tudo isso, você vai ser sexóloga?”, dialoga com a literatura no campo dos estudos de sexualidade e identidade, a fim de fazer um levantamento teórico de estudos existentes sobre a sexualidade. A propósito deste debate, as questões teórico-metodológicas envolvidas na construção do objeto desta pesquisa e citadas acima são aprofundadas. O referido Capítulo faz uma análise sobre os estudos acerca da sexualidade em uma relação com identidade e sua importância para os estudos nas Ciências Sociais.

O segundo Capítulo, “Tá pensando o quê? Sou puta e daí?”, mostra o objeto desta pesquisa a partir dos dados colhidos nas entrevistas. Faço um diálogo com a produção dos autores que se dedicaram ao tema da prostituição e da corporeidade. A partir disso, apresento resultados dos trabalhos de campo realizados por meio de descrições etnográficas dos sujeitos em seus ambientes de trabalho e de suas práticas sexuais com homens e com mulheres.

O terceiro Capítulo, “Tu é entendida, né, doidinha?”, torna compreensível a análise feita entre a mulher prostituta que se automeia entendida e inicio uma reflexão sobre a relação entre o objeto em discussão e identidade. O objetivo é deslocar o olhar que temos sobre a mulher prostituta a partir dos quais se pensa as relações entre práticas sexuais, identidades e corporeidades, obtendo um distanciamento, voltando o olhar para o conjunto de sujeitos que compuseram o campo desta pesquisa. Trago uma discussão acerca da (homo)sexualidade e o modo como se dá a relação entre sexualidade e o que os teóricos pensam acerca da temática em questão, não deixando de levar em consideração a automeiação que as mulheres informantes adotam, delineando uma reflexão sobre mudanças em curso nos sistemas de classificação da (homo)sexualidade.

As Considerações Finais retomam abordagens desenvolvidas ao longo da dissertação em relação às preocupações enunciadas aqui, reforçando pontos centrais das análises feitas e apontando reflexões a partir do texto apresentado.

2 NO FINAL DE TUDO ISSO, VOCÊ VAI SER SEXÓLOGA?

Em minhas primeiras visitas ao campo, falei sobre o que pretendia fazer naquele ambiente de trabalho das prostitutas. Dentre as iniciais percepções sobre o mesmo, uma das futuras informantes fez-me a pergunta acima descrita. O referido questionamento sugere a compreensão e apreensão emblemática das dificuldades e desafios colocados pelo nosso objeto de pesquisa. A informante anuncia o quanto o trabalho de campo desenvolvido iria impactar a minha vida e a minha percepção de mundo.

Neste trabalho, propomos uma discussão a partir do que apreendemos do contato com os sujeitos do nosso trabalho de campo. Esses sujeitos são prostitutas que se autodefinem como “entendidas”. Supostamente, essas mulheres praticam sexo com homens, por meio de uma relação de trabalho, e com mulheres, a partir de relações afetuosas e sexuais.

Indo além das evidências fornecidas pelos discursos das próprias informantes, busquei questionar até que ponto as práticas sexuais dessas mulheres podem ser apreendidas por esse enquadramento. Não seria um tanto quanto reducionista tomar essa visão como a expressão de algo tão complexo? De certa forma, e adiantando uma hipótese que norteia o presente trabalho, as atividades sexuais desenvolvidas por essas mulheres, de algum modo, expressam, mesmo que no nível da potencialidade, as identidades sexuais femininas não apenas existentes no mundo contemporâneo, como também práticas sexuais sempre constantes e que, hoje em dia, estão em evidência a partir dos questionamentos possíveis suscitados pelas ciências humanas em geral.

As prostitutas que contribuíram para informações sobre este trabalho exercem sua profissão em dois cabarés localizados em um bairro de comércio popular na Cidade do Natal. Identifico os cabarés com nomes fictícios que são: Casa do Eros e Reduto de Afrodite. A escolha pelos dois cabarés, como lócus do nosso trabalho de campo, está relacionada ao fato de ser esse um terreno no qual já tinha alguns contatos. Isso porque, no mês de outubro de 2005, eu soube da existência do GAMI (Grupo Afirmativo de Mulheres Independentes) em uma viagem que fiz a Brasília para participar de um encontro com representantes de ONGs de todo o País. Ter conhecimento sobre o GAMI me levou para uma problematização acerca do trabalho

que essa organização desenvolve. Ao retornar para Natal, comecei a participar de trabalhos político-educativos desenvolvidos pelo GAMI, sendo proposta desta ONG desenvolver atividades relacionadas à ampliação da visibilidade lésbica. Achei interessante o trabalho desenvolvido pelas mulheres desta organização e decidi, a partir daqueles contatos que fiz, elaborar um projeto de mestrado que me possibilitasse discutir sobre o movimento homossexual feminino de uma organização não-governamental na Cidade do Natal.

Durante os primeiros contatos com o GAMI, tomei conhecimento sobre as parcerias desta ONG com outra instituição de caráter organizacional não-governamental, a ASPRORN (Associação das e dos Profissionais do Sexo e Congêneres do Rio Grande do Norte), que lida com questões acerca de problemáticas relacionadas às trabalhadoras do sexo¹ na Cidade do Natal.

Através de conversas com a dirigente do GAMI, surgiu um comentário de que havia uma lésbica, filiada ao GAMI, dona de um “cabaré”, exatamente aquele que eu identifiquei neste trabalho como Casa do Eros. Fiquei sabendo, então, que o pré-requisito para a aceitação das mulheres prostitutas em seu cabaré era que estas fossem lésbicas². Este fato despertou-me a curiosidade para entender o porquê dessa exigência.

O percurso metodológico que desenvolvi nesta pesquisa foi a observação participante. Ter a clareza acerca do que eu estava me propondo estudar foi o primeiro passo para que eu iniciasse a ida ao campo de pesquisa, que, para mim, naquela ocasião, se tratava de um universo repleto de estigmas.

Minha presença nas três primeiras semanas causava entusiasmo por estar me adentrando em um universo que, para mim, naquele momento, era visto como um lugar estigmatizado de preconceitos. Aos poucos, eu era também percebida ali como uma “sexóloga” ou alguém infiltrada naquele espaço para denunciar à polícia o que se passava naquele ambiente. Assim me disse Mariana e Amanda no início da pesquisa:

Mariana: Vem cá, tu tá tirando onda ou tá mermo fazendo uma pesquisa?

¹ Esta expressão é utilizada pela presidente da Associação em várias de nossas conversas. O nome fictício que darei à presidente é Betânia.

² Esta expressão é utilizada pelas mulheres que compõem o GAMI. A dona do cabaré utiliza a expressão “entendida”, cuja discussão acerca desta categoria será exposta no terceiro capítulo.

Amanda: Será que tu não é da polícia e veio com esse negócio de tá fazendo pesquisa? Cadê a identificação? Cadê a carteirinha de estudante?

Adentrar-me no campo não foi difícil, a maior dificuldade foi conseguir a confiança de algumas daquelas mulheres. A fala de Patrícia revela medos e fui me dando conta de que, a partir de suas histórias de vidas, aquilo que diziam era reveladores de suas próprias histórias. Aos poucos, minha presença era algo que despertava curiosidade entre aquelas mulheres e que esta foi sendo modificada através de relações que fui estabelecendo para conquistar a confiança e crédito necessários para poder conversar com as informantes sobre suas histórias de vida e, a partir disso, dar continuidade ao processo de minha participação no campo de pesquisa.

Algumas vezes, fui confundida como sendo uma prostituta ao ser interpelada por clientes fixos e que, para eles, eu era uma mulher “nova” ali naquele espaço. De início, ser confundida com uma prostituta era estranho para mim, mas com o tempo fui compreendendo porque fui interpelada algumas vezes por aqueles clientes. Compreendi o que é ser prostituta a partir do que as informantes diziam e o que passei a observar nessas interpelações, conforme que eu sentia ou era obrigada a desconstruir em relação aos estigmas que de início eu tinha. A rede de relações que são produzidas no universo dos cabarés é importante de serem analisadas, porque nos possibilita perceber a complexidade do campo dentro das especificidades, desde as idas aos cabarés, os frequentadores, a escolha que eu fiz em não ficar durante a noite. Diga-se: depois das vinte horas, para observar o trabalho das prostitutas, quando a casa ficava lotada de clientes, e os relacionamentos que são construídos lá dentro entre as prostitutas.

Também recolhi depoimentos de cinco dessas mulheres, sendo quatro moradoras. Um de nossas informantes, aqui identificada com o nome fictício de Carol, não reside no seu local de trabalho, dado que o cabaré onde trabalha acomoda mulheres como moradoras, sendo que podem se tornar permanentes ou não. A Casa do Eros acomoda mulheres que vêm de outros estados e permanecem durante a semana, retornando aos domingos. Há as moradoras permanentes. O Reduto de Afrodite funciona durante o horário comercial, iniciando às oito da manhã e indo até as dezoito horas, não cabendo neste cabaré a permanência de mulheres,

pois é uma espécie de ponto de apoio no qual as prostitutas trazem da rua seus clientes ou os aguardam no ambiente de salão do mesmo.

Um dos problemas que pretendo responder é discutir a identidade sexual da prostituta entendida. Perceber qual a relação que há entre as mulheres que fazem sexo com homens por uma relação de trabalho, mas fazem sexo com mulheres por uma questão afetiva e sexual. Há uma abertura para que se questione acerca da bissexualidade, uma vez que, de acordo com as falas das mulheres, ao longo das visitas ao campo, ficou evidente que elas também gostam de ter relações sexuais com alguns homens. E que, com alguns deles, despertam um interesse sexual para além do financeiro. Desenvolvi este trabalho a partir de idas aos cabarés, cujas visitas duraram três meses e meio. O período compreendido foi de setembro de 2007 até meados de janeiro de 2008. Minhas visitas à Casa do Eros duraram três meses e meio, e as visitas ao Reduto de Afrodite duraram três meses, porque eu tive conhecimento da existência deste cabaré quando já estava em campo, como já foi dito anteriormente.

Embora seja possível afirmar com segurança que as mulheres que trabalham nos cabarés visitados são oriundas das classes populares, não foi o nosso objeto de pesquisa, pois foge à preocupação do presente trabalho, a interrogação sobre as causas da prostituição.

Todas elas têm uma história de vida com bastantes dificuldades. Escolhi fazer as entrevistas com mulheres as quais quatro são jovens e apenas Fernanda tem 48 anos. Esta escolha se deu pelo fato de que as mulheres da Casa do Eros residem permanentemente lá, com exceção de Mariana, que, aos domingos, volta para visitar seu filho em uma cidade próxima a João Pessoa. Carol não mora em cabaré e faz programas no Reduto de Afrodite. Esta informante foi solícita na ocasião em que cheguei para o meu primeiro encontro no Reduto. Diga-se que as oito mulheres que entrevistei neste dia, com o questionário do Projeto Diamante Bruto da ASPRORN, disseram-me sobre sua orientação sexual, afirmando serem “entendidas”, e que não frequentam o cabaré constantemente. Carol, dentre as várias prostitutas presentes no cotidiano do “bar”, sempre esteve presente. A escolha, portanto, deu-se tendo em vista o fato de as mulheres morarem e, ou terem uma frequência dentro do espaço pesquisado. Abaixo o perfil das mulheres entrevistadas:

- 1) **Jaqueline** - paulistana, dezenove anos, negra, filha de pais separados, mãe doméstica, o pai não conheceu o pai, estudou até a quinta série do antigo ensino fundamental, veio para João Pessoa com a idéia de que “podia ser feliz”, porque estava apaixonada por um rapaz. Desse relacionamento teve um filho que tem três anos de idade e, hoje, está aos cuidados de duas amigas que moram na Cidade de Bayeux (região metropolitana de João Pessoa);
- 2) **Amanda** - não se lembra de ter conhecido pai ou mãe. É negra, morou desde criança nas ruas de Recife; diz ter sido, durante algum tempo, “trombadinha” e não estudou. É usuária de drogas desde criança. Cheirava cola e, segundo afirmou, passou a fumar maconha aos doze anos. Aos dezoito anos, foi presa por estar vendendo maconha e *crack* nas ruas de Recife. Recebeu uma ordem de prisão pelo crime de tráfico por três anos. Ficou apenas dois meses e meio em penitenciária de “segurança máxima” na Capital pernambucana. Fugiu da prisão, pulando o muro com mais seis mulheres.
- 3) **Mariana** - tem dezoito anos, não mora permanentemente no cabaré, veio da região metropolitana de João Pessoa e volta para casa aos domingos. Na ocasião de nossas primeiras conversas, ela disse que morava em um quitinete alugado por ela e a sua companheira. Tem um filho com dois anos de idade. Quando comecei a ida a campo, ela havia se iniciado na prostituição. Estava lá no cabaré há apenas um dia. Fora levada por uma amiga que faz programa há mais de dez anos. Sua companheira sabe que ela veio a Natal para “fazer programa”. Disse-me que não aguentava mais ficar sem dinheiro, teve a ajuda da amiga que a trouxe para a Casa do Eros, porque esta lhe disse que ela ia poder comprar as coisas para o filho e poderia pagar o aluguel que estava atrasado há dois meses.
- 4) **Fernanda** - tem quarenta e oito anos e é cearense. Foi casada com um espanhol. Morou na Espanha, tem quatro filhos, é portadora de HIV positivo. Começou a fazer programas quando se separou de seu primeiro marido, com o qual teve três filhos. Segundo ela, viu que as mulheres que faziam programas perto do porto do cais de Fortaleza “se davam bem”, porque poderiam arrumar algum marido gringo. Assim, “na vontade de se dar bem na vida”, decidiu “fazer programas”.

- 5) **Carol** - é natalense e tem trinta e dois anos de idade. É casada com uma mulher que tem dois filhos. Não mora no cabaré, porque o Reduto de Afrodite funciona somente até as dezoito horas. Trabalha no “bar” como garçone e, de vez em quando, faz programa com homens. Tem uma dívida com o administrador do cabaré, porque ele é seu amigo. Ela pediu para ele comprar uma televisão e uma geladeira e, em troca disso, fazia programas e trabalhava como garçone para poder quitar a dívida. Sua companheira tem ciúmes, mas compreende, porque ela tem que levar o dinheiro para comprar o “leite dos meninos”.

Foram essas cinco mulheres que se disponibilizaram a me conceder entrevistas. Estas aconteceram em dias definidos anteriormente. Geralmente, eu chegava aos cabarés no horário agendado e as prostitutas vinham até mim, considerando-me uma estudante da “sexologia”. Uma técnica muito utilizada durante o processo de entrevista foi a de associação livre e a observação participante³.

Analisamos as prostitutas que têm relações sexuais com homens e também com mulheres, e que se autodefinem “entendidas”. Compreendemos essa prática sexual como mais uma possibilidade de manifestação da sexualidade dentre as múltiplas formas existentes. Trata-se de prostituição de mulheres que estabelecem uma relação de trabalho com homens, ou seja, com seus clientes⁴ que pagam para ter relações sexuais com elas, além de terem relações sexuais e de afetos com mulheres. É um universo que possui vivências sexuais variadas, existentes em uma realidade comum entre as mulheres prostitutas que moram e frequentam os cabarés dos grandes centros urbanos, sendo pouco estudado e compreendido, repleto de estigmas e preconceitos.

Buscamos, nas entrevistas, dentre outras temáticas, investigar se essa prática sexual entre as prostitutas que fazem “programas” dentro dos cabarés visitados em nossa pesquisa de campo é de fato uma prática comum existente no universo das mulheres que se prostituem, generalizando essa concepção, ou seja, se trata de mulheres que se relacionam afetivamente e sexualmente com outras mulheres. No

³ Por isto entenda-se a técnica utilizada pelos psicanalistas. Ela se dá pelo fato do entrevistado falar livremente tudo aquilo que lhe vier à mente. Durante a fala das entrevistadas, havia questões que eram postas diante de alguma dúvida, por mim pontuadas com alguma observação pessoal.

⁴ Esta é a definição utilizada pelas prostitutas para os homens que frequentam os cabarés e usufruem dos seus serviços.

decorrer das visitas ao campo, percebi que não são apenas mulheres que gostam de ter relações sexuais com mulheres, há também essas mulheres, em sua maioria, como mostram os dados do projeto da ASPRORN, que tem relações sexuais e afetivas com homens e, ou clientes.

Em minhas idas ao campo, investiguei se de fato o pré-requisito ao qual me referi mais acima era realmente estabelecido. Percebi que não se tratava de norma rígida aquela da aceitação exclusiva de mulheres “entendidas” na Casa do Eros. Na prática, as normas são flexibilizadas. Há as autodefinidas prostitutas “entendidas” e há também as que não têm relações (homo)sexuais⁵ com outras mulheres.

A dirigente da ASPRORN ficou sabendo de meu objeto de pesquisa através de uma conversa que a mesma teve com a presidente do GAMI. Informada do meu interesse pela questão comentada sobre a dona do cabaré, proprietária da Casa do Eros, convidou-me para participar de uma atividade mensal que a ASPRORN organiza com os prostíbulos em Natal cadastrados na ONG. Essa atividade está relacionada à (para a) distribuição de camisinhas através do programa da Secretaria de Saúde do Município de Natal, que faz controle e combate a AIDS. Participei desta atividade e, por meio dela, descobri outro cabaré localizado nas proximidades do primeiro prostíbulo e que me chamou atenção porque, em sua recepção, havia oito mulheres para receber os preservativos distribuídos por nós naquele dia. Sentei-me próxima a elas e perguntei se ali havia alguma mulher que já tinha tido relação sexual com outras mulheres. Todas as oito mulheres presentes afirmaram que já haviam tido relações com outras mulheres e que era com mulheres a sua preferência por manter relações de afeto, ou seja, “morar juntas, dividir o mesmo teto”. Adotamos este cabaré para nossa pesquisa, o qual é identificado neste trabalho como Reduto de Afrodite.

Nesse dia, foi-me dada a tarefa de distribuir entre as prostitutas dos cabarés cadastrados na Associação um questionário com várias perguntas. Essa tarefa fazia parte de um projeto desenvolvido pela entidade, intitulado Diamante Bruto. Este projeto tem o objetivo de fazer um levantamento socioeconômico e cultural das prostitutas que fazem programa nos cabarés cadastrados na ONG. Denomina-se

⁵ Esta categoria é explicada com detalhes no capítulo sobre a categoria entendidas.

Diamante Bruto⁶, porque, segundo a presidente da ASPRORN, é uma idéia que ela teve para fazer uma análise das mulheres:

Traçar o perfil delas e levantar uma discussão sobre prevenção, direitos humanos, violência, para elaborar projetos que possam fazer com que essas mulheres possam melhorar a autoestima e se tornem independentes e autônomas, e que o objetivo final é que não necessitem mais fazer programa⁷.

Quanto ao nome, Diamante Bruto, é uma expressão utilizada pela presidente da Associação, dando a idéia de lapidar e levantar a autoestima das prostitutas. Em relação a esse questionário, o item de número doze chamou-me a atenção, pois trazia a seguinte pergunta: Já teve relações sexuais com alguém do mesmo sexo? () Sim ou () Não. Fiquei atenta aos dados obtidos e verifiquei que as respostas recolhidas dos questionários, guardados nos arquivos da ASPRORN, indicavam que em torno de 56% das mulheres afirmavam ter relação sexual com alguém do mesmo sexo em algum momento de suas vidas⁸.

A esse respeito, vale lembrar Marinho, que nos coloca um dado importante obtido em uma pesquisa realizada junto a trabalhadoras do sexo da área central da Cidade de Salvador (BA), denominada A carreira da prostituta militante: um estudo sobre o papel das práticas institucionais na construção da identidade da prostituta militante da associação das prostitutas da Bahia, a qual nos aponta que, em relação a essas mulheres em Salvador, 89% de seus clientes são homens e 11% têm como clientes homens e mulheres; já considerando as prostitutas da orla, 59% são clientes homens e 41% dos clientes são mulheres e homens. Isso nos leva à hipótese de que as mulheres prostitutas também praticam sexo com mulheres clientes. Nesse sentido, questionamos as relações sexuais com a pessoa do mesmo sexo sendo uma constante dentro do universo da prostituta e sinalizamos a multiplicidade de práticas sexuais existentes (MARINHO, 2006, p.73-78).

⁶ O mesmo questionário está sendo aplicado nos seguintes Municípios do Rio Grande do Norte: Areia Branca, Guamaré, Ceará-Mirim, Parnamirim, São José de Mipibu e Natal. Outra idéia da ASPRORN é formar grupos de mulheres prostitutas nestas cidades após o levantamento dos dados recolhidos, pois a estimativa para o levantamento dos dados é que chegue a trezentos questionários respondidos.

⁷ Fala da Presidente da ASPRORN em 12 de junho de 2008. Registro em nosso diário de campo.

⁸ Este dado foi modificado recentemente, porque em minha última visita à ASPRORN, no dia 12 de junho de 2008, percebi que havia novos questionários respondidos e que, diferentemente da minha visita em outubro de 2007, havia apenas quarenta questionários, o que na época, de acordo com minha análise, chegava ao total de trinta e cinco respondidos positivamente, dando-nos a margem de 87% das mulheres já terem tido alguma relação sexual com mulheres.

Em relação à prostituição, as pessoas que a praticam executam um trabalho. Elas acabam não tendo opção para a escolha de seus clientes. Para todo efeito, já que se trata de um comércio, não cabe uma questão de escolha em relação ao pagante. Em uma das nossas visitas a Casa do Eros, uma prostituta não-informante disse-me: “Trepei com a dona, porque o seu macho me pediu.”

Trata-se de um paradoxo existente dentro das particularidades que envolvem as práticas sexuais na contemporaneidade. Uma questão que abordo é como devemos compreender a representação dessas práticas sexuais em relação ao nosso grupo estudado?

Muitas são as formas que são atribuídas às pessoas que fazem sexo com pessoas do mesmo sexo. Dentre as nomeações temos: homossexuais, homófilos, homoeróticos, invertidos, sujeitas e sujeitos homoeroticamente inclinadas e inclinados, pessoas *same-sex oriented* (orientados para o mesmo sexo), entendidas, lésbicas e sapatões; assim como o comportamento surge nomeado por: homogenitalidade, homocorporeidade, lesbianismo, safismo, sodomia, sem sem-vergonhice, amor que não ousa dizer seu nome, entre outros termos e expressões. Meu trabalho não se restringe a nomear o que são essas relações sexuais e nem cabe a trabalho antropológico e sociológico nomear o campo estudado. O terceiro capítulo trata da categoria “entendida”, porque é um termo empregado pelas mulheres informantes. Cabe ressaltar que este trabalho propõe expor uma especificidade da sexualidade entre mulheres que se prostituem e que mantêm relações sexuais com homens e mulheres, apontando essa particularidade como característica comum existente entre mulheres que se prostituem de acordo com a realidade estudada. O trabalho de campo foi desenvolvido da seguinte forma: no primeiro cabaré, o trabalho durou três meses e meio; no segundo, três meses. As frequências das visitas aconteceram durante a semana, da segunda-feira até a sexta-feira, porque nos finais de semana eu não ia a campo, pois o bairro onde são localizados os cabarés é um espaço onde há um centro comercial e, durante os finais de semanas, as ruas ficam sem transeuntes, causando-me medo e insegurança para caminhar pelas ruas do Alecrim até chegar aos cabarés. Outro motivo também que não me motivou à ida durante os finais de semanas é que o Reduto de Afrodite não funciona nesses dias e as mulheres da Casa do Eros trabalham até o sábado, alegando que “domingo é dia de descanso”. Eu começava a visita por volta das quatorze horas e permanecia até as dezenove horas, pois este

era o horário no qual as prostitutas começavam a fazer programas, sendo também o momento em que os clientes estavam chegando e eu percebia que a minha presença atrapalhava o investimento dos homens em relação a suas clientes e vice-versa. As informantes desviavam o olhar, não dando mais atenção ao que eu pudesse perguntar e, ou interagir durante nossas conversas. Por isso, optei em não ficar muito tempo no cabaré, ou seja, permanecer mais tempo durante a noite, porque isso possibilitava um impasse em relação às entrevistas. Outro aspecto importante era a localização dos cabarés no bairro supracitado, que ficava desabitado. Para mim, que ia sempre sozinha, permanecer à noite no campo estudado poderia ter alguns problemas de outras ordens, devido à restrição causada pela falta de transporte.

Em relação à idade do grupo pesquisado, constituído por cinco informantes, cabe salientar que a faixa etária varia entre os dezoito e vinte anos, tendo apenas uma delas a idade de quarenta e oito anos. Esse cabaré, diferente da Casa do Eros, não tem sistema para acomodar as mulheres lá, apenas alugam os quartos para as mulheres trazerem seus clientes durante o dia. Esses clientes são homens que frequentam o bar ou vêm da rua trazidos pelas prostitutas que fazem o sistema de prostituição *trottoir*⁹.

Um dado interessante é que esses cabarés acomodam mulheres que moram em estados vizinhos ao Rio Grande Norte, como Pernambuco, Paraíba, Alagoas e Ceará. É uma política existente entre os cabarés das capitais, uma espécie de rodízio entre os cabarés, onde muitas prostitutas de outros estados frequentam os cabarés em um sistema de rotatividade. Em troca disso, elas recebem as três refeições diárias, podendo permanecer no cabaré por um tempo pré-estabelecido por elas próprias, desde que paguem a administração dos mesmos e suportem a utilização dos quartos quando forem manter relações sexuais com seus clientes.

Dessa forma, eu adotei a escolha pelas mulheres presentes nos cabarés que tinham uma frequência de permanência nos mesmos como moradoras e a mulher do Reduto de Afrodite, porque ela, além de trabalhar como prostituta, também é garçonete, ou seja, tinha uma permanência constante ali naquele bar. As prostitutas do Reduto de Afrodite não são as mesmas todos os dias. Há uma diferenciação das prostitutas que lá circulam. Nosso grupo de informantes centrou-se na idéia de que

⁹ Prostituição de rua.

as mulheres informantes de minha pesquisa são mulheres que fazem dos cabarés sua vivência de mundo, ou seja, os cabarés fazem parte de seu cotidiano. Quer seja morando lá ou indo executar uma tarefa, como é o caso de Carol, que vai lá para trabalhar como garçoneiro e, quando se interessa por algum cliente, faz programas também.

Antes de prosseguir, falemos um pouco sobre o bairro no qual se localizam os estabelecimentos nos quais desenvolvemos a pesquisa. Trata-se de um dos bairros mais antigos da Cidade do Natal. Ele é composto por um centro comercial frequentado por pessoas de todas as classes sociais, todas as faixas etárias e, por ter essa característica de sociabilidade econômica, é bastante movimentado diariamente pelos comerciantes, pelos empregados e pelos transeuntes que lá perambulam diariamente.

Dentre os inúmeros serviços oferecidos pelo setor comercial alecrinense, temos uma avenida conhecida em Natal por Avenida 10. Esta avenida tem dez cabarés¹⁰ e dentre esses dez, escolhemos aqueles dois já mencionados para desenvolver nosso campo de estudos.

A rua na qual se encontram os dois cabarés tem um comércio de peças de automóveis, e, bem próximo dos locais, há uma borracharia. Trata-se de uma casa contendo um primeiro andar. Nela, mora a dona desse estabelecimento que funciona como se fosse um bar.

O cabaré existe neste lugar há quinze anos e está aos cuidados de Rosa Cabarcas, a sua atual administradora, que comprou o prédio há quatro anos. Mantemos o sigilo de identidade das pessoas que cuidam do ambiente e do próprio bar, preferindo não citar nomes reais, como também não identificar com exatidão onde é o endereço.

No cabaré, moram quatro mulheres que ficam residindo permanentemente, sendo moradoras, e há, como já apontei mais acima, aquelas que vêm de outros estados, para passarem a semana e retornam a suas casas aos domingos “para levar o que foi apurado durante a semana.” Essas mulheres que voltam para suas casas nesse dia têm uma vida que está para além de suas vivências na prostituição, muitas vezes são donas-de-casa e têm filhos que ficam sob os cuidados de seus companheiros ou companheiras, ou de parentes próximos. Cláudia Fonseca, em seu

¹⁰ Dado obtido através de conversas com a dirigente da ASPRORN, no dia 12 de junho de 2008.

estudo A dupla carreira da mulher prostituta, aponta-nos que as mulheres prostitutas possuem uma vida com atribuições domésticas comuns, tais como cuidar de filhos ou dos afazeres domésticos comuns ao cotidiano das pessoas em geral.

Russo, em um trabalho de tese intitulado Rodando a bolsinha: dinheiro e relações de prostituição, elucida-nos sobre o papel de algumas prostitutas da Praia do Meio, de Ponta Negra e de ambientes de prostituição da Cidade do Natal. Em seu texto, afirma que as mulheres de programa:

Por ser estrangeira, a minha presença para elas era também uma forma de aqui, de negar a prostituição, de sair de seu universo por alguns instantes; era uma oportunidade para conversar, falar sobre suas trajetórias, suas vidas, mostrar-se, reafirmar a distância e a proximidade que nos uniam (RUSSO, 2006, p. 19).

Segundo a dona da Casa de Eros, Rosa Cabarcas¹¹, o ponto comercial¹² foi adquirido há pouco mais de quatro anos. “Tive que trabalhar muito pra poder comprar”, afirmou-me. Muito embora, de acordo com o que conseguimos apurar, esse “ponto comercial” de prostituição exista há 15 anos.

Já o Reduto de Afrodite funciona apenas durante o dia, começando as suas atividades às 8 horas da manhã e fechando às 18 horas. Minha visita a ele procedeu simultaneamente ao horário supracitado anteriormente, porque os dois cabarés são vizinhos e isso facilitou minha circulação entre ambos. Esse espaço é arrendado para três administradores que trabalham lá todos os dias. São dois rapazes e uma moça.

Nesta casa, as mulheres ficam sentadas nas cadeiras do “ambiente de salão”¹³, esperando seus clientes chegarem, e outras trazem os clientes da rua. Este cabaré é próximo da Praça Gentil Ferreira, que é um ponto tradicional de prostituição¹⁴, segundo informa Marinho: há a prostituição existente no local (MARINHO, 2005, p.56). Muitas mulheres buscam seus clientes na praça e levam-nos para o Reduto de Afrodite, com o intuito de usarem um quarto que custava, à

¹¹ Este nome é em homenagem ao personagem Rosa Cabarcas, do livro Memórias de minhas putas tristes, de Gabriel García Marques.

¹² Expressão utilizada por ela em nossa primeira conversa no dia 1º de setembro de 2007.

¹³ Trata-se do ambiente onde os clientes e as prostitutas bebem cervejas e bebidas quentes, petiscam e ouvem músicas, dançam e vêem a *strip-tease*.

¹⁴ André Luiz Santana Marinho fez uma dissertação “A praça, de novo, volta a ser do povo” - um estudo etnográfico do espaço e da prostituição na Praça Gentil Ferreira.

época do trabalho de campo, cinco reais o aluguel por meia hora de programa. Já o custo do programa era de vinte reais.

Concordamos que a sexualidade nos possibilita a compreensão para a construção da subjetividade em nossa sociedade ocidental moderna. Assim, ao invés de pautar pela repressão, a nossa sociedade seria marcada por uma intensa “vontade de saber [...] a verdade sobre a sexualidade dos indivíduos” (FOUCAULT, 1979, p. 34).

Desse modo, torna-se importante refletir sobre a forma como essa vontade de saber se coloca tanto no âmbito acadêmico, quanto na interação com o grupo pesquisado, de modo a colocar sob constantes suspeitas a sexualidade do pesquisador e também as suas “reais” intenções com a realização da pesquisa. (FOUCAULT, 1979, p. 129).

Muitas vezes, em minhas idas ao campo, senti-me constrangida em estar presente ali naquele ambiente que eu, inicialmente, estranhara, por estar lá dentro dos cabarés fazendo a pesquisa, porque houve momentos em que eu era confundida pelos clientes, como se fosse uma prostituta e, algumas vezes, fui interpelada por eles me chamando para fazer os programas.

A minha presença era percebida pelos clientes como se eu fizesse parte daquele universo no qual eles estão inseridos e pelas mulheres que me perguntaram se insinuando: “Tu é entendida, né, doidinha?”¹⁵. Houve momentos em que elas me paqueravam ao ponto de me definirem como “artigo de luxo”, dizendo ainda: “Tá vendo que a doidinha vai se botar pro lado da gente?”. Segundo o que pensavam essas mulheres através de nossas conversas - isso muitas vezes foi dito por elas -, eu jamais teria algum tipo de envolvimento com elas. Essa “vontade de saber” nossa, enquanto pesquisadores, também se mesclam diante de nosso objeto, quando o assunto envolve uma temática intimista, como a da sexualidade. “Uma vontade de saber” sobre nossas escolhas nos faz compreender que temas como estes são colocados em discussão e a “vontade de saber” sobre o outro nos orienta para uma “vontade de saber” sobre nós mesmos. Quando as mulheres do cabaré me perguntavam sobre minha escolha sexual, elas na verdade queriam saber por que, para mim, era importante fazer uma pesquisa sobre elas.

¹⁵ Preferi usar esta terminologia porque esta indagação foi feita pelas informantes que não se apropriam, obviamente, das categorias orientação sexual, opção sexual e muitas outras discutidas no âmbito acadêmico e nos movimentos gays e lésbicos.

Heilborn, em uma de suas obras, orienta-nos para uma questão similar:

No que se refere ao estudo da homossexualidade feminina, realizado desde uma abordagem antropológica, o que se coloca para a pesquisadora é o desafio da relativização acerca da diversidade sexual (HEILBORN, 2006, p.127).

Quando interpelada a esse respeito, procurava devolver e explorar as questões colocadas referindo, ao meu respeito, que até o momento havia envolvido apenas com homens. Ao mesmo tempo em que explicava que a minha presença nos espaços estava relacionada à pesquisa, justificava que, em virtude da realização desta, não estava disponível a quaisquer envolvimento sexuais ou afetivos. (HEILBORN, 2006, p.143).

Aqui é importante esclarecer que a sexualidade não é sinônimo de atividade sexual. Sexualidade refere-se à construção histórica e moderna de uma dimensão interna aos sujeitos e é muito diferente do instinto sexual ou atividade sexual. Esta última está associada à idéia de ato de copulação entre os sujeitos através de suas genitálias. Compartilhamos com a idéia de que a sexualidade depende da socialização, de aprendizagem de determinadas regras presentes no âmbito da cultura, como, por exemplo, para que a atividade sexual possa ser exercida:

[...] Conceitualizar práticas sexuais não é em absoluto evidente. As técnicas corporais classificáveis como ato sexual são objetos de definições sóciohistóricas que variam no tempo e no espaço cultural. Produtos de um processo de atribuição de significados, eles não podem ser debitados à natureza ou aos ditames da reprodução biológica. Entre as técnicas corporais, encontram-se modalidades variadas de contatos para produção/obtenção de prazer, que não se restringem ao coito genital. [...] “Ter relações sexuais” pode estar circunscrito à modalidade do coito vaginal ou pode incorporar carícias íntimas nas partes genitais do corpo do/a parceiro/a (HEILBORN, 2006, p.237).

Há muitos estudos que tratam de questões em torno da temática sobre a prostituição e a homossexualidade no que diz respeito a vários aspectos e disciplinas, desde abordagens concernentes a conteúdos preventivos, enfocando temas sobre doenças sexualmente transmissíveis (DST's) nas Ciências da Saúde, como, por exemplo, os estudos *queer*¹⁶, que lidam com discussões sobre as práticas sexuais de *gays*, *lésbicas* e *transexuais*¹⁷. A sexualidade é um conceito contemporâneo para se referir ao campo das práticas e sentimentos ligados à atividade sexual dos indivíduos.

¹⁶ A teoria *queer* abrangia homens *gays*, *lésbicas*, *bissexuais*, *transsexuais*, *sadomasoquistas* e outros tipos de sujeitos que praticavam alguma forma marginalizada de sua sexualidade.

¹⁷ Diz respeito a homens e mulheres que fizeram cirurgia para a troca de seu órgão genital.

Quando tratamos de um assunto que envolve a temática da sexualidade, estamos, muitas vezes, preocupados com questões que nos suscitam cuidados, pois nossos estudos revelam que conhecemos e discutimos questões que, de algum modo, nossas sociedades definem como problemáticas ou perigosas.

Do ponto de vista das Ciências Sociais, a Sociologia e a Antropologia têm investido nesses estudos de diferentes maneiras. Na sociologia, temos grandes inquéritos sobre o comportamento sexual da população em geral e, na Antropologia, há etnografias clássicas que descrevem práticas sexuais de sociedades primitivas cujos estudos nos dão importantes explicações sobre as atividades sexuais dessas sociedades, explicando algumas questões ainda presentes no início deste século. Há abordagens em diferentes campos do conhecimento e, dessa forma, obtemos uma visão ampla e diversificada a seu respeito. Assim temos: a Psicanálise, a História, as Ciências Sociais, a Biologia e a Medicina. Este trabalho aponta perspectivas de escrita antropológica ao referir-se à exposição do problema em uma relação com o campo de pesquisa e, também, analisa-o a partir de contribuições teóricas elaboradas pelos estudiosos da sexualidade.

3 TÁ PENSANDO O QUÊ? SOU PUTA, E DAÍ?

Esta frase foi pronunciada em uma visita minha a Casa do Eros, quando, na ocasião, uma mulher, colega das moradoras do cabaré, estava passando pelas imediações do mesmo, decidindo entrar no bar para “dar um olá” às amigas. Essa moça, ao me ver sentada em uma das cadeiras do ambiente de salão, pergunta à Fernanda: “E essa mulher ali sentada? Tá fazendo o quê aqui?” Fernanda esclarece o que eu estava fazendo ali e, de repente, ela começa a gritar, batendo nos peitos: “Tá pensando o quê? Sou puta, e daí?” Ela repete essa frase aos gritos, quatro vezes seguidas. Falou com uma sonoridade que parecia que ela estava encenando uma peça teatral. Parecia uma atriz em um palco.

Diante dessa cena, fiquei questionando sobre as múltiplas definições que temos em relação ao trabalho das prostitutas. Dentre as variadas expressões há: mulheres de vida fácil, profissionais do sexo, trabalhadoras do sexo, garotas de programa, putas, raparigas (linguagem chula), entre outras. Discutimos a categoria prostituta.

Prostituir vem do verbo latino *prostituere*, que significa expor publicamente, por à venda, entregar à devassidão; daí deriva prostituta, que designava na Roma Clássica as cortesãs que se colocavam à entrada das casas de devassidão. A mulher prostituta sempre existiu na história¹⁸.

Há várias formas de prostituição, dentre as práticas existentes, temos: a exercida em casas ou cabarés ou zonas de confinamento que são comuns na exploração sexual, pois muitas mulheres moram nesses lugares e lá atendem seus clientes, recebendo ordens de cafetinas ou cafetões, passando por situações de submissão a eles, uma vez que obtêm dinheiro como escolha própria ou como dívidas que passam a adquirir com os donos desses estabelecimentos, causando uma relação de dependência.

Outra forma de prostituição é a de rua, ou *trottoir*, na qual as mulheres encontram seus clientes na rua e eles pagam quarto de hotéis ou de cabarés comuns para esse tipo de serviço. Temos casas de programas que são as de massagem, anunciadas nos classificados de jornais impressos ou sites, dentre outros não discutidos aqui.

¹⁸ Nickie Roberts tem uma obra sobre esse assunto: *As Prostitutas na História*.

Em relação às várias formas de prostituição, decidi por pesquisar o campo que tem dois tipos de cabarés: a Casa do Eros e o Reduto de Afrodite. O primeiro é um tipo de estabelecimento comercial onde funciona um bar, lá moram três das informantes desta pesquisa. Trata-se de um tipo de prostituição que é conhecida como zona de confinamento que, além de terem mulheres que moram lá, há também as que moram em outros estados e ficam no sistema de rotatividade existente entre os cabarés das capitais dos estados e dos grandes centros urbanos. O segundo cabaré é diferente. As prostitutas trazem seus clientes da rua e alugam os seus quartos para fazerem o programa. Esta pesquisa centraliza seu problema em uma discussão apenas com esses dois tipos de casa de prostituição, que é a de zona de confinamento e a de rua, como foram descritas acima. A prostituição e, ou prostituta sempre estiveram presentes na História.

No século XIX, nos anos de 1840, no auge da discussão acerca da abolição da escravatura, que viria a acontecer definitivamente e oficialmente em 1888¹⁹, alguns médicos na Cidade do Rio de Janeiro começaram a estudar a prostituição como um “fato social”; ela estava atrelada à escravidão que era uma referência obrigatória, porque a maioria das prostitutas na corte brasileira eram escravas negras (PEREIRA; 2005, p. 04).

A ausência de regulamentação no Rio de Janeiro não implicou um descaso estatal com o tema, e sim uma maior concentração das medidas de controle das prostitutas nas mãos das autoridades policiais. É por isso que, no começo do século XX, encontramos um conhecido advogado abolicionista criticando o peculiar “sistema brasileiro”.

De acordo com a pesquisa de Moraes (2005, p.6), as autoridades policiais tinham uma visão “acanhada” do problema, o que criava um sistema que não podia ser definido nem como regulamentarista, nem como abolicionista²⁰. O que o pesquisador via como falta de política era, na realidade, uma política que resultou de múltiplos conflitos entre autoridades policiais, prostitutas e autoridades judiciárias, e que se caracterizou por instáveis regras não escritas e por negociações locais e

¹⁹ Houve, nas décadas anteriores, leis que foram importantes para o estabelecimento da Lei Áurea em 1888.

²⁰ Tratando desse problema que envolvia a prostituição no período descrito, é notório que as mulheres prostitutas eram oriundas das camadas baixas e, em sua maioria, eram negras. Acontecia o fenômeno da abolição e a ausência de regulamentação no Rio de Janeiro não implicou um descaso estatal com o tema, e sim uma maior concentração das medidas de controle das prostitutas nas mãos das autoridades policiais.

pontuais. Sua implementação, nas primeiras décadas republicanas, provocou a concentração de prostitutas notórias em ruas próximas ao centro da cidade, de modo não tão diferente daquele que predominou em cidades latino-americanas que adotaram sistemas regulamentaristas. Em 1871, na Cidade do Rio de Janeiro, tivemos uma discussão de um projeto de regulamentação municipal da prostituição. Tratava-se de uma campanha pela liberdade das escravas prostitutas. Elas sempre aparecem marcadas por representações negativas. A questão sobre o lugar social da prostituta sempre incomodou, como bem vimos em relação a alguns fatos históricos acima comentados e, hoje, quando o relacionamos na contemporaneidade a questões polêmicas, como é o caso da discussão que o movimento militante das prostitutas traz à tona acerca da regulamentação da prostituição como profissão.

Rago (1985, p.47) estudou a mulher que se prostituía no Brasil na década de vinte no século passado, dando-nos a idéia de que a estrutura familiar construída em nossa história no ocidente, que é o casamento monogâmico legal, gera seu oposto: a prostituição. Entretanto, percebemos que sempre houve prostituição em todos os tempos e ela não cria ou constrói-se opositivamente nada de estrutural entre as famílias. Rago refuta essa idéia acima, baseada em um trecho escrito em um jornal intitulado A voz do trabalhador, datado de 1915.

Rago continua, em seu estudo Do cabaré ao lar, a mostrar que a fábrica leva as mulheres pobres a venderem o corpo para garantirem o sustento da família. (1985, p.108-109):

O fenômeno da prostituição é visto como mal necessário, por que mal? Observável em todo tipo de sociedade desde os tempos antigos. No sistema capitalista, a sobrevivência da família burguesa, forma de prostituição não-oficial, pois fundada a partir de um contrato comercial, exige o funcionamento deste comércio sexual ignóbil.

Dessa forma, percebemos que, ao longo da história, a mulher que se prostitui sempre foi vista como pertencente às classes baixas. Como foi dito anteriormente, em relação às mulheres negras do final do século XIX. Embora saibamos que ela está presente em todos os meios sociais.

Nas duas últimas décadas do século XX, com o aparecimento da AIDS, as prostitutas foram vistas como pessoas e grupos “desviantes”, como formas expurgatórias e muitas vezes podem ser vistas como culpadas, pecadoras,

criminosas, desonradas, vergonhosas e marginais, como marcas de algumas de suas representações em nossa sociedade (MARINHO, 2006, p.28).

O que a aproxima do conceito de profissão é a sua qualificação como meio de sobrevivência de pessoas; essas mulheres, muitas vezes, mostram-se sem condições de inserção no mercado de trabalho, porque não possuem nenhum tipo de experiência de trabalho em sua maioria e também, “não há uma formação educacional em relação aos estudos e nem fizeram algum tipo de curso onde possam executar tarefas”²¹.

As prostitutas também são percebidas, historicamente, a partir dos procedimentos higienistas no Brasil. No início do século XX, são consideradas como responsáveis pela disseminação de doenças adquiridas pelo ato sexual. Surgem, assim, atribuições à mulher prostituta a partir de significações marginais. Este problema se origina tendo em vista a perspectiva de que as mulheres prostitutas deveriam estar em um ambiente separado da sociedade, sendo que essa separação poderia se dar através de símbolos colocados em suas casas para definir quem eram as prostitutas, como uma forma de segregá-las. Isto ocorreu de uma forma histórica. A citação de Marinho nos elucida esta questão:

Primeiro, as prostitutas tinham que ser diferenciadas da população decente pela prescrição de uma marca infâme, e segundo elas tinham que ser segregadas. (MARINHO, 2000, p.92)

De acordo com a narrativa histórica sobre a prostituição, percebemos que a mulher prostituta foi percebida em função de sua condição de transgressora das regras e normas estipuladas socialmente para o exercício da feminilidade. Nesse sentido, tanto a construção do estigma em relação ao exercício da prostituição, bem como os mecanismos de respostas sociais de discriminação e preconceitos tornaram a prostituta a responsável pela disseminação de doenças adquiridas pelo ato sexual. De acordo com Martha Nussbaum:

Em todas as profissões se ganha dinheiro com o uso do corpo, realizando coisas com partes dele, havendo remuneração para isso. Em algumas profissões se recebem bons salários, em outras não; algumas possuem um bom controle sobre as condições de trabalho, outras não. Algumas profissões são estigmatizadas, enquanto outras não. A estigmatização

²¹ Fala da Presidente da ASPRORN. Diário de campo. A Associação desenvolve hoje um projeto que capacita prostitutas, dando-lhe formação em cursos de cabeleleiro, maquiador, manicuro e pedicuro.

vinculada a alguns exercícios profissionais é decorrente de reações sociais de preconceito seja de classe, seja de raça ou de gênero (NUSSBAUN, 2005, p. 16).

É com o uso do corpo que as prostitutas ganham dinheiro e nesse sentido podem ser vistas como uma espécie de depósito sexual para o incontrolável desejo sexual do macho, realizando suas fantasias sexuais, ou porque gostam também de estar ali vendendo seus corpos para mera obtenção de prazer. Depende da mulher que ali estiver. Como pensar a relação da mulher com seu corpo e o “trabalho” que elas desenvolvem? Como pensar essa mulher, que além de ser prostituta, gosta de ter relações sexuais com outras mulheres?

Não há algo que possa explicar incisivamente as razões possíveis sobre as causas da prostituição. Claudia Fonseca nos aponta, em seu artigo A dupla carreira da mulher prostituta, que não há predisposições econômicas e sociais de vulnerabilidade que sejam elementos fundamentais para que as mulheres tornem-se prostitutas. Entretanto, há fatores que percebo como condicionantes para que determinadas mulheres escolham exercer essa atividade, tais como acesso rápido a dinheiro, pelo fato de que muitas garotas passam a trabalhar como empregadas domésticas e se consideram mal tratadas, já que se vêm desprezadas pelas patroas (FONSECA, 1997, p.12)

Ainda de acordo com Fonseca, há as garotas de classe média que fazem programas tendo como objetivo a garantia de um padrão de vida em que elas possam comprar jóias, roupas de grife, apartamentos e carros. Não há um fator determinante para que se perceba as causas e, ou motivos pelos quais as mulheres se tornam prostitutas. Não há fatores condicionantes para explicar as razões da prostituição. Ainda nesse estudo, Claudia Fonseca nos aponta outro elemento peculiar sobre as mulheres prostitutas: há aquelas que possuem também uma vida com atribuições domésticas comuns como qualquer outra mulher possui cotidianamente.

Outro estudo da Cláudia Fonseca, intitulado A morte de um gigolô: fronteiras da transgressão e sexualidade nos dias atuais, aponta-nos para uma discussão, criticando algumas idéias que delineiam as causas da prostituição baseadas nessas premissas abordadas. Assim nos diz a autora:

O estudante, tendo colocado duas ou três histórias que conjugam a prática prostitucional com abuso sexual na infância, por exemplo, sente-se

autorizado a confirmar a hipótese de uma etiologia patológica. Também se deve levar em conta os que podemos derrubar os estereótipos miserabilistas, sublinhando a heterogeneidade do universo de prostitutas, e incluindo histórias de quem deu certo. (FONSECA, 1997, p.227)

Diante de nosso objeto, as informantes vêm de uma classe social com pouca renda. São cinco mulheres que se disponibilizaram a fazer as entrevistas. Estas aconteceram em dias definidos anteriormente; eu chegava aos cabarés no horário descrito e as prostitutas vinham até mim, considerando-me uma estudante da “sexologia”. Uma técnica muito utilizada durante o processo de entrevista foi a de associação livre²².

Analisando a realidade em que elas vivem, poderia observar alguma outra alternativa para obtenção de renda. Mariana disse-me em nossas entrevistas que, se conseguisse um trabalho de secretária, não “pensaria em ir aos cabarés”. Carol disse-me que “tinha uma vontade de ser cobradora de transporte alternativo”. Jaqueline tinha desejo de trabalhar com outra coisa, só não sabia em o quê ela poderia trabalhar. Mas tinha “uma vontade de sair de lá”, do cabaré. Que outras alternativas teriam? Ir aos cabarés já se mostrava uma alternativa para que essas mulheres tivessem uma garantia de obter dinheiro, a fim de que pudessem suprir as suas necessidades decorrentes de seu cotidiano. Mas o que seriam essas necessidades? São complexas as causas e pouco apreensíveis a partir de categorias analíticas que, não raramente, estão entranhadas de julgamentos morais em relação à prostituição. O que eu acredito é que haja formas de alternativas de sobrevivência, afinal, a prostituição sempre existiu em todos os momentos históricos.

Durante o período em que eu frequentei os cabarés, presenciei vários momentos em que as mulheres acertaram programas, ou seja, entravam e saíam dos quartos destinados ao “fazer o programa”. Mariana foi uma dessas mulheres e expressou a seguinte frase depois de uma abordagem de um cliente, que lhe apontou o dedo em riste, chamando-a para “fazer o quarto”²³: “Ai meu Deus, de novo não. Mas fazer o quê, né? Se tem o dinheiro depois. Eu tenho que me acostumar com isso.” Levando-se em consideração que Mariana havia iniciado “na vida” há apenas uma semana, ela estava dentro de um sistema comercial que tem linguagem própria

²² Por isto se entenda a técnica utilizada pelos psicanalistas. Ela se dá pelo fato do entrevistando falar livremente tudo aquilo que lhe vier à mente. Quando eu tinha dúvida sobre algo que não entendia, eu pontuava com algum questionamento e, ou observação durante a fala das informantes.

²³ No universo lingüístico das prostitutas, este termo é dito, quando uma delas entra em um quarto para atender ao pedido do cliente. Nessa ocasião, Jaqueline conversava comigo.

e desenvolvendo um “trabalho” que, até então, para ela, era desconhecido e estigmatizado. Assim nos disse Mariana:

Fazia tempo que eu procurava um trabalho, um emprego, sabe? Demorou muito eu arrumar um; daí que eu conversei com essa amiga minha que me trouxe aqui no bar. Pensei que eu só vim aqui porque é longe de minha casa, de minha vida e percebo que o que eu pensava sobre prostituta era besteira, não vejo problema nenhum, já tô com um dinheirinho pra levar pra casa [...] só não gosto na hora do sexo, mas depois compensa. Lavou, tá novo!

Apesar de ser um trabalho informal, entidades ligadas à luta pelos direitos das prostitutas têm discutido nacionalmente se a atividade deve ou não ser legalizada. Isso porque as mulheres que pertencem ao universo desta pesquisa são submetidas a relações de dominação e poder aos donos dos “estabelecimentos comerciais”²⁴, devendo obediência a regras impostas, tais como cumprir os horários e não sair do cabaré sem permissão. No caso dessas duas informantes, Jaqueline e Amanda, há outro tipo de dependência que se dá pelo fato de que elas têm uma espécie de dívida e gratidão por terem abrigo, comida e trabalho na Casa do Eros. Percebi alguns condicionantes em relação a essas mulheres que, por não terem para onde ir, têm no cabaré seu último porto seguro. Este lhes fornece alguma garantia e, ou segurança. Amanda foi “trombadinha” nas ruas de Recife e nunca teve uma casa. Foi uma menina que sempre morou na rua. E aos dezoito anos foi presa, porque vendia maconha. Passou três meses na prisão e fugiu com mais seis colegas que estavam no presídio. Assim nos diz:

Doido! Eu fugi da prisão, pulei eu e mais seis meninas de uma altura de mais de quinze metros, e tou aqui. Fui presa, porque tava vendendo droga. Sempre morei na rua. A rua sempre foi minha casa. Quando era *boy*, eu vivia roubando as bolsas das pessoas no centro de Recife. Tá, ligado?!

Distanciado da prática comercial na qual essas mulheres estão inseridas, há relações dessas mulheres com outras, em seu cotidiano. Além de elas estabelecerem relações com o cliente, fazendo-o retornar ao cabaré, elas possuem uma vida cotidiana na qual vivenciam afetos e, ou amores. Essa vivência (homo)sexual “entendida” se dá em seu cotidiano, como foi percebido em meu

²⁴ Citado por Rosa Cabarcas em nossa primeira entrevista.

trabalho de campo, discussão que se tornará importante no capítulo seguinte, pois é necessário, nesse momento, discutir apenas a categoria prostituta.

Em minha pesquisa de campo, como foi constatado em uma das primeiras entrevistas, sobressai a necessidade de juntar os fragmentos biográficos que dão sentido ao lugar social no qual se encontram atualmente. Eram sete mulheres na ocasião dessa conversa e todas relataram que, em algum momento de suas vidas, foram vítimas de abuso sexual na infância e, ou na adolescência. Fiquei questionando qual seria a relação disso com a situação delas? Não aponto o “abuso sexual” como sendo mais um condicionante na história de vida delas para que elas tenham se tornado prostitutas, mas, ao menos, como recurso discursivo mobilizado para justificar e dar sentido ao lugar de cada uma delas no mundo. Esse é um elemento que não pode ser escamoteado. E esse não é dado de menor importância, mesmo tendo veracidade ou não, cada história aponta para a violência como elemento estruturante da cultura sexual brasileira. Não por acaso, essa violência “fundante” é tão referida.

Fonseca, em seu estudo denominado *A dupla carreira da mulher prostituta*, nos aponta que “temos que dar conta da singularidade do objeto (...) a tipologia pode dar falsa segurança (...) devemos investigar as dinâmicas particulares a cada contexto para que não possamos reforçar os tipos existentes” (FONSECA, 1996, p.14), ou seja, isto significa que ter sofrido algum tipo de abuso sexual na infância e adolescência seja fator fundamental e determinante para que essas mulheres façam programa. Ser prostituta não é um resultado de um trauma sexual, de uma violência sexual sofrida. Entretanto, neste universo pesquisado, houve a coincidência de que todas as mulheres, no dia em que as entrevistei, tenham relatado algum tipo de situação relacionada a abuso sexual na infância ou adolescência.

Beauvoir, em seu estudo sobre o *Sexo Feminino*, com toda importância que teve para o pensamento feminista no mundo, com suas idéias revolucionárias, expõe sobre o que pensava acerca do papel da prostituição:

A baixa prostituição é um trabalho penoso onde a mulher oprimida sexualmente e economicamente, submetida ao arbítrio da polícia, a uma humilhante da vigilância médica, aos caprichos dos clientes, destinada aos micróbios e à doença, é realmente submetida ao nível de uma coisa (BEAUVOIR *apud* SWAIN, 2004, p. 03).

Com base no nosso trabalho de campo, somos levados a relativizar as afirmações da autora. Isso porque em relação às nossas informantes, os cabarés são importantes *locus* de moradia que dão uma garantia de sobrevivência às mulheres, quer seja do ponto de vista do abrigo, do alimento, do dinheiro ou do lazer. Disseram-nos Jaqueline e Carol, respectivamente:

Olha, eu morava na rodoviária de João Pessoa e uma amiga da rua me falou que eu poderia sair dessa se eu conseguisse morar em algum cabaré. Eu já fazia programa de rua pra ter dinheiro, comecei quando eu tava com meu filho nos braços, lá perdida em João Pessoa, e eu fiz vários programas na rua. Foi quando essa minha amiga disse que eu poderia ir a algum cabaré e me falou sobre Natal, dizendo que tinha vários cabarés. Juntei um dinheiro pra vir pra aqui e dei meu filho a duas mulheres “entendidas” que quiseram adotar ele. Eu sei que aqui tenho tudo: casa, comida, roupa lavada; tirando um problema com as drogas (usuária de *crack*), tá tudo bom. Gosto daqui, mas poderia sair daqui se de repente arranjasse um emprego de qualquer coisa. Mas gosto daqui, só não gosto dos clientes.

Doido! Eu conhecia o dono do bar, ele é meu amigo. Aí eu queria comprar uma geladeira e um fogão porque eu precisava. Daí falei com ele: “venho aqui ser garçomete e quando olho pro coroa e vejo que pode rolar, vou lá e faço o programa”. Faço isso porque é tranquilo, aí eu vou pagando aos poucos a ele. Foi ele que comprou pra mim, daí vou pagando aos pouquinhos, quando posso.

Nossas informantes, segundo seus relatos, foram crianças abandonadas, além de terem sofrido algum tipo de abuso sexual na infância e ou adolescência pelos pais e abandonadas pelos namorados. Estas causas seriam definidas por Beauvoir como causadoras da prostituição a partir de um contexto de violência implícita ou explícita, desmascarando “a mais antiga profissão do mundo”. (p.54).

Não consideramos que a prostituição tenha apenas alguns fatores condicionantes. A prostituição não é algo monolítico, é multifacetado, tem singularidades e é possível perceber as mais variadas possibilidades de interpretações para sua existência. Nesse sentido, vale a pena levar em conta o que nos disse a amiga de Mariana, que a trouxera naquela semana para se iniciar “na vida”:

Eu gosto de estar aqui. Não preciso disso, não. Faz quatorze anos que eu tô na vida e gosto muito. (...) Tenho uma pensão fixa de meu ex-marido e tenho até bolsa-escola. Não preciso de dinheiro não. Gosto é da vida. É na vida que eu me divirto, que eu bebo, gosto muito disso aqui, gosto de beber, de paquerar com os machos que vem aqui, porque eu gosto de prazer com eles, me dão muito prazer.

A fala dessa prostituta nos aponta revelações que podem ser questionadas e discutidas. Temos, portanto, uma consciência aguda do terrível significado das relações de gênero em nossa sociedade. Em outras palavras, essa mulher quer “viver a vida”. E ela sabe, embora não o explicita claramente, que isso não é possível nos espaços tradicionais – especialmente do lar na família patriarcal. Ela quer se divertir e viver. E isso só é possível no cabaré. O que a entrevistada aponta é uma dimensão da dominação masculina: somente aos homens é legitimamente assegurado o direito de “viver a vida”.

Ainda sobre a questão acerca da garantia que algumas mulheres têm por estarem morando nos cabarés. Como é o caso de Jaqueline e Amanda. Jaqueline nos diz que outro dia teve que fazer exames médicos, porque estava sentindo “dores nos ovários”. Segundo ela, Rosa Cabarcas levou-a para o médico, “pagou todos os exames” e, “sempre” quando alguma delas está doente, “ela cuida”. Dentre várias reclamações que eu ouvi das mulheres, fazem críticas em relação à alimentação que “não tinha gosto”, ou que elas não tinham horários fixos para se alimentarem. Em se tratando de questões relacionadas à saúde, não houve reclamação. Não tem horário fixo para se alimentar, afinal são flexíveis devido ao tempo necessário que elas “trabalhem” na noite anterior. O que determina seu momento de alimentação é a noite anterior. Vai depender do horário até o qual elas ficam acordadas atendendo aos clientes.

As prostitutas exercem para os homens uma relação no qual elas são importantes para que eles possam não apenas valorizar o dinheiro pago pelo programa, como também o programa surte um efeito na vida desses homens que as procuram, possibilitando um retorno às alcovas dessas mulheres. Além de darem prazer com seu corpo, possibilita aos clientes um possível diálogo que faz com que os homens a procurem não apenas para ter relação sexual, já que podem querer apenas conversar ou relaxar, procurando massagem ou até mesmo para beber. Como já vimos, pode ocorrer em um programa a não penetração dos genitais, embora muita gente pense que os homens e ou mulheres que procuram ir aos cabarés buscam relações sexuais com as prostitutas. Entretanto, sexo também não se restringe apenas à penetração. O cuidado com o outro do ponto de vista de afeto, já nos possibilita alguma preocupação da ordem sexual, que pode significar tocar o

outro com massagens ou ouvir seus problemas. As mulheres prostitutas informantes desta pesquisa têm esse tipo de relação com alguns clientes.

Concluimos com Rago (1998) que muito pouco se diz sobre a especificidade da prática de prostituição ou de sua dimensão positiva, isto é, sobre as funções que as mulheres desempenham quando os clientes as procuram. Trata-se de variados modos expressos de aspectos subjetivos existentes entre as mulheres prostitutas e os clientes que as procuram e que permitem aflorar formas de expressões de afetos e desejos.

O “trabalho” da prostituta se dá através da utilização do corpo como mercadoria, entretanto, esse corpo não é apenas algo que possa ser vendido, pois há trocas de afetos entre os clientes, há algo da natureza das emoções. Isso se explicita mais claramente tendo em vista o momento em que uma das nossas informantes nos afirma lembrar as histórias de vida dos seus clientes e que sabe dos problemas que eles enfrentam em suas casas. Sobre a técnica que Jaqueline utiliza para não ter relação sexual com o cliente logo após a chegada ao quarto. Essa prática é comum não apenas com Jaqueline. Carol, que gosta de ter relação com os “coroas”, também concorda com a idéia de Jaqueline (suposição minha), porque gosta de dar atenção aos homens mais velhos que não querem apenas “meter o pau”. Ela acha que os homens querem desabafar e “relaxar, não apenas gozando”.

Cabe agora uma discussão sobre o corpo, porque é com o corpo que elas “trabalham” e conseguem estar “na vida”. Diga-se “vida” como algo que pode ser interpretado em múltiplos significados. Desde uma questão que perpassa à sobrevivência, que é ter abrigo e comida, ou meramente estar “na vida”, como as nossas informantes se referiam comumente às suas atividades no cabaré.

3.1 O CORPO É MEU E DOU A QUEM EU QUERO

Esta frase foi pronunciada por uma prostituta que se incomodava com a minha presença na ocasião de minhas primeiras entrevistas no cabaré da Rosa Cabarcas. Quando eu chegava ao local, ela sempre me olhava desconfiada. E, frequentemente, questionava as mulheres informantes sobre quem eu era, o que estava fazendo ali e que tipo de pesquisa era essa que eu estava desenvolvendo. Mostrava-se curiosa para saber quem eu era todas as vezes que ela aparecia no

cabaré²⁵. Em uma das minhas visitas, ela estando lá na Casa do Eros, começou a gritar se dirigindo em minha direção, dizendo que puta era daquele jeito mesmo e que “o corpo é meu e dou a quem eu quero”. Percebi naquele exato momento que falar sobre corpo entre as prostitutas tratava-se de uma questão importante, porque é com o corpo que elas se mantinham na vida. Estavam “na vida”, cuja conotação pode ser interpretada de diversas formas. Desde uma questão sobre o estar “na vida”, pois esse termo elas utilizam quando se referem ao fazer o programa, ou seja, ter relação sexual (penetração) para obter dinheiro, ou estar “na vida” como sendo uma forma de se manterem vivas.

Comecei a me questionar sobre o papel que o corpo tem na vida dessas mulheres e percebi que há toda uma importância que devemos ter quando o assunto é prostituição, porque o corpo aparece hoje em nossa cultura para dar sentido às relações afetivas e sociais. Vivemos na era do corpo como encarnação da identidade, sustentáculo dos ideais societários que incidem sobre os indivíduos e depositário das ansiedades individuais sobre as possibilidades de adequação ao mundo.

O corpo, na sociedade contemporânea, diz quem somos. Determina oportunidades de trabalho e pode significar a chance de uma rápida ascensão social. Acima de tudo, o corpo que você veste, preparado cuidadosamente à custa de muita ginástica e dieta, aperfeiçoado por meio de modernas intervenções cirúrgicas e bioquímicas, o corpo que resume praticamente tudo o que restou do seu ser é a primeira condição para que você seja feliz.

O corpo também passa por um processo de transformações através do qual os seres humanos, como forma de adequação a essa demanda da contemporaneidade, procura delinear seus corpos, frente a uma lógica de mercado que apenas aceita corpos que usufruem vitaminas capazes de definir corpos.

Há outras variantes de corpos que não obedecem a essa lógica mercadológica. São os corpos que, contrariamente a essa lógica comercial, não ligam para o corpo que malha, que se cuida ou que se transplanta. Estamos falando de corpos que vão se acabando dentro de um sistema contrário a esses cuidados, tais como os corpos das prostitutas que passam noites de sono acordadas,

²⁵ Esta mulher frequenta os vários cabarés que fazem parte do bairro onde fiz o trabalho de campo. Ela faz programas, mas não mora em nenhum deles, apenas fica perambulando pelos mesmos para ver o movimento comercial e permanece onde para ela é mais oportuno ficar e ganhar algum dinheiro.

mantendo-se de pé através de bebidas e drogas. Ressalte-se que é muito comum, no caso do universo pesquisado em Natal, elas serem usuárias de *crack*, maconha e outras drogas vendidas (ilícitas ou lícitas).

A modernidade e suas estratégias paradoxais de consumo e controle também se inscrevem na lógica do corpo. Há aqueles que se cuidam e desejam que o corpo fique sempre com aparência de juventude e, portanto, além dos limites que a idade possa lhe permitir ter determinado aspecto. Por outro lado, há aqueles que não cuidam do corpo porque usam drogas capazes de envelhecer o corpo precocemente, quer sejam usando “drogas” das mais variadas possíveis, ou passando dias e noites perdidas sem descansar o corpo tal como acontece nas festas *rave*²⁶ e academias de ginástica.

A forma como nós cuidamos de nosso corpo revela elementos subjetivos de aspectos de sua personalidade. Portanto, a prática da prostituição se revela na corporeidade das mulheres e, desse modo, ao analisarmos as suas relações com os mesmos, podemos compreender aspectos importantes das construções identitárias das prostitutas. Isso aparece na forma como elas cuidam do corpo, desde o vestir-se, o assear-se e de como se dirigem aos clientes, pois utilizam linguagens corporais, definindo estratégias de sedução em relação aos seus clientes, isto é, utilizam uma linguagem peculiar à prostituição. Ressalve-se o fato de que o meio em que vivem é repleto de símbolos e signos que, traduzidos, nos dão sinais de que fazem parte do universo da prostituição.

Portanto, o universo estudado está repleto de regras sociais, com as quais os corpos se revestem de símbolos, determinando-as. Isso pode ser definido através de seu vestir, de sua abordagem ao cliente, de seus gestos ao falar. Entretanto, essas caracterizações não se enquadram a todo tipo de prostituição. Sabemos que há vários tipos de prostituição e, no universo pesquisado, temos signos e símbolos que definem o estilo de prostituição que estamos analisando.

Em se tratando das minhas informantes, percebi um universo com significados complexos acerca da realidade identitária em que elas estão inseridas. Na ocasião em que presenciei a fala da prostituta mencionada no início deste tópico, eu estava entrevistando Mariana. Neste momento, percebi a importância de tal fato

²⁶ Um tipo de festa que hoje muitos jovens frequentam e ficam em torno de dois dias seguidos, dançando ao som de uma música de estilo eletrônica, além de usarem drogas, tais como o *ecstasy*, que os estimulam para a dança, provocando alucinação.

para conversar com as minhas informantes sobre o que seria corpo para elas. Como elas viam seus corpos? Como elas cuidavam de seus corpos? A partir desses questionamentos, obtive um avanço na pesquisa sobre o que as mulheres estavam oferecendo como material para análise, considerando um ponto fundamental existente na realidade em que elas estão inseridas. Vejamos os trechos abaixo, retirados das entrevistas com Jaqueline e Carol, respectivamente:

O meu corpo é algo que eu não domino. De repente posso estar lá com o cliente e posso gostar de ficar lá no quarto com ele. Ele pode querer fazer algumas coisas que eu não posso permitir, mas pode acontecer de eu sentir vontade. Eu posso não gostar de querer ir logo com ele fazer o quarto, mas, depois que eu tiver lá dentro, posso até gostar. Vai depender do cara, né? E depende de meu corpo também.

Minha irmã, sei não, viu? Eu não gosto de homem não, viu? Tá difícil eu gostar desse “negoço” que se chama homem, mas eu gosto de trepar com os coroa. Eles são até carinhosos, não são como os “boy” que só querem meter o pau. Posso até gozar com alguns desses coroas que eu escolho trepar, até porque comigo é assim, eu escolho, tá ligada? Não é com qualquer um que eu vou querer fazer programa. E pode de eu gostar de trepar com os doidinho (coroa) e gozar, mas é só isso.

Nesse sentido, as informantes mostram um interesse pelo corpo masculino, na medida em que esse corpo pode lhes proporcionar prazer a partir de algo que está para além de seus desejos. A primeira informante permite-se a uma entrega de seu corpo a algum cliente que possa lhe dar prazer; e a segunda, mesmo dizendo com bastante convicção que não gosta de homens, diz que, escolhendo o cliente, este pode lhe proporcionar prazer durante o ato de penetração. Quando ouvi essas informantes, fiquei me questionando acerca de suas sexualidades: como compatibilizar essas considerações com o fato de se afirmarem como entendidas? Esse tipo de indagação foi me levando para uma discussão, a qual tratarei no terceiro Capítulo, sobre a questão da bissexualidade.

Percebi que a temática do corpo estava me trazendo questões muito difíceis de serem respondidas. Por outro lado, discutir sobre a sexualidade daquelas mulheres me possibilitava compreender o significado do corpo na prostituição. Saliente-se ainda que a prática sexual na contemporaneidade está profundamente relacionada com a identidade. E abordá-las é importante, porque ambas têm uma história pouco conhecida. Questionamos: o que é o corpo que se tem e como a nossa sociedade compreendeu as identidades até chegarmos à corporificação?

Diante desta discussão acerca da identidade das mulheres prostitutas/entendidas, compreendemos a importância do estudo sobre a corporeidade, porque esta nos possibilita um diálogo com o que os teóricos contemporâneos pensam sobre o corpo, definindo concepções acerca da subjetividade.

Quem constroi para o corpo a noção de identidade, a noção de sujeito, é a noção da presença do outro (a princípio representado pela mãe, depois o pai, familiares, grupo social, religioso, a cultura). Assim, o corpo na sua máxima individualidade reflete a identidade que viu nascer na entrelinha do discurso do outro, no reflexo microscópico que o olho do outro proporciona. A formação da identidade reflete a introjeção do outro como máscara que foi apropriada. (BENEDETTI; 2005, p. 52).

Quando ouvi as falas das duas informantes acima, compreendi que as duas podiam sentir prazer sexual com ambos os sexos, tanto com homens e quanto com mulheres. Essa questão acerca da prostituta/entendida é algo que não pode ser analisado em uma perspectiva apenas de um ponto de vista monolítico. Ser prostituta/entendida não isenta as mulheres prostitutas de obter prazer com os homens. Quando Jaqueline nos fala de que “de repente” pode ter prazer com algum cliente é porque, nesse momento, de algum modo, perpassa a questão da escolha. Ela mesma diz: “Só trepo com os coroas”. Essa escolha e esse depender do cara e do seu corpo também me trazem a questão da identidade descrita acima. Compreendo que nessa relação da mulher prostituta/entendida com seu cliente: Ninguém está isento de si mesmo e só podemos ver o outro através dos nossos olhos e dentro de nossa perspectiva. Vemos o mundo com nossa perspectiva. Isto é irremediável (GAIARSA, 1984, p.38).

Antes de analisar as questões sobre corporeidades e tudo aquilo que está relacionado ao seu universo, tais como o vestir, o gestual, dentre outros, é necessário uma discussão sobre o que vem a ser o estudo sobre corpo na contemporaneidade. Por que há vários trabalhos enfocando essa temática na contemporaneidade? Situar-nos-emos em uma análise sobre a importância de se estudar corpo, a partir de uma compreensão sobre o que os estudiosos perceberam sobre o corpo em suas pesquisas e a importância de estudá-lo.

No final do século XX e início do século XXI, vários trabalhos científicos, em diferentes áreas do conhecimento das ciências humanas e ciências da saúde,

passaram a discutir questões sobre o corpo e sua representação em nossa cultura. A noção do corpo na contemporaneidade surge a partir das diversas transformações, expressões e manifestações socioculturais na contemporaneidade.

O século XX, com suas teorias construídas sobre o corpo, traçou um paradigma histórico construtivista, que afirma que nascemos com corpos diferenciados sexualmente e que nossas identidades são criadas, mantidas ou transformadas através de instituições, práticas e discursos.

É importante reavaliar a dicotomia que permanece no paradigma construtivista entre um corpo neutro sobre o qual se construiria a identidade social. A oposição natureza/cultura não é mais sustentável, pois sabemos que a própria natureza é uma invenção humana. Da mesma forma, o corpo não é neutro e não é sobre esta suposta base que opera a construção social das identidades.

As identidades eram naturais, biologicamente criadas. No século XVIII, acreditava-se na herança de características pré-adquiridas e hoje é diferente.

No final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, emergiram teorias sobre o criminoso nato, sobre a prostituta, a tendência maior dos judeus à loucura, o temor das consequências da miscigenação. As identidades eram vistas como produtos de condições biológicas fixas e irremediáveis. Tais idéias legaram-nos políticas públicas voltadas para o controle populacional, a segregação racial e, também, processos de limpeza étnica, internamentos dos indivíduos considerados perigosos, ou ainda os campos de concentração (STEPAN, 1996; ORDOVER, 2003).

A transformação de comportamentos em identidades se deu no terço final do século XIX. A preocupação era com aqueles que supostamente ameaçavam a ordem social burguesa e seus valores. Ramos da psiquiatria como a sexologia e a criminologia enquadraram esses comportamentos-identidades em categorias sociais como o homossexual, a prostituta, o criminoso nato, o alcoólatra, portanto, atribuindo uma identidade fixa, mais especificamente uma essência “corrompida”, a todos que se desviassem das normas socialmente hegemônicas (FOUCAULT, 2001; MISKOLCI, 2003).

Apesar de termos consciência que os paradigmas estão em constantes transformações nas ciências em geral, compreendemos que a superação do caráter essencialista e biologizante não se deu por completo, porque é forte a associação entre natureza e identidade nas Ciências Sociais. Desde o final dos anos quarenta,

houve um progressivo avanço de um paradigma de compreensão das identidades que enfatizava os fatores sociais e históricos como os mais importantes. Até mesmo com Beauvoir, em *O segundo sexo* (1948), foi importante para a criação dessa superação. A frase da pensadora francesa: “não se nasce mulher, torna-se mulher” ainda carrega consigo a oposição entre natureza e cultura.

De forma geral, as identidades não podem ser explicadas biologicamente, antes através da investigação dos processos históricos e sociais que as constituem. A compreensão desses processos colocou em evidência as assimetrias de poder que instituem as identidades e como a naturalização justifica e permite a manutenção das desigualdades. Assim, argumentos naturalizantes tendem a corroborar a dominação masculina.

Alguns teóricos partiram da construção discursiva das sexualidades, exposta por Michel Foucault, e do procedimento metodológico da desconstrução proposta por Derrida, para questionar e desestabilizar os binarismos que fundam a compreensão das identidades. As sexualidades passaram a ser discutidas como parte de uma mesma estrutura de compreensão das diferenças humanas e de uma gramática de relações de poder. Essa estrutura mantinha intocados alguns pressupostos do paradigma essencialista e, sobretudo, ocultava o fato de que alguns desses pressupostos eram imposições sociais.

A Teoria *Queer* (BUTLER, 2005; LOURO, 2001; MISKOLCI, 2005) desnaturalizou as identidades e os corpos. Assim, abriu espaço para a constituição de um novo paradigma teórico de compreensão das identidades. Esse novo paradigma só foi possível por romper o binarismo natureza/cultura, ou seja, por refutar uma base biológica neutra (ou natural) sobre a qual se construiriam as identidades. Não é possível isolar a natureza, nem definir onde começa a cultura.

As identidades não são construídas sobre os corpos como se esses tivessem em si algo de anterior ao social. Ao contrário, as identidades se constroem através dos corpos, elas são matéria palpável com limites claramente definidos que gera a impressão de fixidez, constância e permitem, assim, que as convenções identitárias socialmente construídas adquiram “naturalidade”. A constatação de que não apenas as identidades, mas os próprios corpos são construções sociais tem consequências que mal começamos a encarar. A exemplo disso, temos:

Las prostitutas se producen para una actuación, para representar um papel. Existe uma búsqueda deliberada de erotización, y para ello utiliza uma serie de elementos que coinciden com los utilizados em el arte y en la publicidad que procura mensajés com contenidos eróticos. (PEREZ; 2000, p.155).

Em relação ao “trabalho” da prostituta, será que o comentário descrito tem veracidade? Podemos concordar com o pensamento do autor citado?

Em se tratando da produção das prostitutas que desempenham um papel representando erotismo, buscando elementos utilizados na arte e pela publicidade que enfocam mensagens e conteúdos eróticos, percebo que não é assim que as coisas funcionam em relação as minhas informantes. Com elas, há uma produção do ponto de vista da indumentária, dos adornos que elas utilizam na noite para chamar a atenção de seus clientes. Em outro sentido, o corpo surge como algo que pode ser captado para vender produtos através de mensagens publicitárias, como é o caso das inúmeras imagens de mulheres que aparecem em propagandas, tais como a imagem da loura gelada que vem dentro da garrafa de cerveja.

As mulheres sempre aparecem com seus corpos impecáveis para que os consumidores homens possam desejá-las ou bebê-las em suas imaginações variadas. E assim a mídia vende seus produtos, utilizando corpos femininos como idealizações dos desejos masculinos. A mesma coisa acontece com a prostituta, o único detalhe é que ela vende seu corpo. Para isso acontecer, ela utiliza uma linguagem própria desde o seu vestir, o seu andar, a sua forma de agir com seus clientes e, inclusive, o cuidar de si.

Todos esses cuidados revelam conteúdos eróticos que possuem uma linguagem própria e definem a mulher dos cabarés. As prostitutas presentes no campo investigado têm códigos próprios que a definem como tal para que os clientes possam identificá-las. Podemos caminhar pelas ruas e não perceber que as mulheres que passam por nós pelas ruas, possam ser prostitutas ou não. Nossa identificação neste trabalho, ao apontar algumas questões acerca do vestir e do cuidar do corpo, trata-se apenas de analisar esses pontos em relação à prostituta que mora nos cabarés e, ou passa um tempo convivendo em cabarés.

O corpo tem uma história e, portanto, nada tem de neutro. Os paradigmas de identificação se arvoram no binarismo sexual e de gênero, mas de forma mais sofisticada do que antes se compreendia. As identidades do homem e da mulher

não se constroem em oposição uma à outra, por meio de processos que camuflam o caráter contestável dessa oposição.

Os sexos são criações sociais tanto quanto o gênero, e isto nos impõem um desafio teórico: como lidar com os corpos e identidades sem cair nos velhos determinismos biológicos e psíquicos?

Constatamos que a oposição criada entre a teoria da construção social e o essencialismo obscurece a complexidade das condições em que se assumem sexo e sexualidade. O essencialismo apresentava a visão falsa de um lócus original, biológico ou psíquico, que determinava as identidades, de forma que essas permaneciam no terreno da determinação e da fixidez. “O construtivismo, por sua vez, se levado ao extremo, poderia levar-nos à falsa impressão de que tudo se constroi discursivamente e até mesmo a idéia de que existiria a ‘liberdade’ de um sujeito para formar sua sexualidade como lhe interessa” (BUTLER, 2003, p.145).

A estratégia *queer* evidencia as fissuras internas ao hegemônico para criticar a materialização diferenciada do humano, a produção social do objeto, dos corpos-identidades que até pouco eram classificadas como anormais, degenerados ou desviantes. A velha política identitária caía facilmente na discussão do que era próprio ou impróprio, natural ou anormal, portanto no binarismo que elidia a diferença dentro dos sujeitos. A nova política precisa encarar o objeto evidenciar os processos que o criam e mantêm como oposto necessário para a existência do hegemônico, como ameaça que o constitui.

Diante desse novo paradigma de compreensão das identidades-corpos, emerge a necessidade de uma visão política em que a diferença seja vista como parte dos sujeitos, ao invés de algo que lhes é exterior, oposto ou ameaçador.

Devemos estar atentos para as estratégias coletivas e individuais que buscam superar o medo das identidades socialmente estigmatizadas, tais como as prostitutas, e encaram o desafio de incorporá-las, com o intuito não de assimilá-las, antes como meio de colocar em xeque a suposta coerência das identidades hegemônicas. Temos que ter em mente, acerca das identidades estereotipadas, que elas estão no cotidiano ganhando força no que diz respeito às formações de construções identitárias capazes de nos mostrar realidades sociais vividas dentro de regras próprias e complexas, contidas em um microuniverso subjacente a um macrouniverso, tendo como sustentação de sua realidade a afirmação de leis hegemônicas, tais como os sistemas totalitários, o machismo, o feminismo, com

suas prescrições se configurando em determinismos difíceis de terem seus estigmas modificados e reescritos na cultura como possibilidades de mudanças a partir do que acreditamos e construímos em nossa realidade cotidiana, enquanto pesquisadores das subjetividades e, portanto, da identidade.

Os séculos XX e XXI são vistos como um momento em que o culto ao corpo tornou-se uma verdadeira obsessão, transformando-se em um estilo de vida entre as mulheres e os homens das camadas médias urbanas.

A imagem do corpo contemporâneo impregna-se de transformações biotecnológicas e socioculturais em que nossa sociedade passa neste início de século. O corpo toma um lugar de tamanha importância no nosso cotidiano e, por isso, é o centro do debate com suas alterações artificiais de próteses, exercícios de musculação e tratamentos estéticos para homens e mulheres.

Bourdieu (1994, p. 53) em *Esboço de uma teoria da prática*, entende que cada classe social encara sua corporeidade como sendo um aspecto fundamental do *habitus* a partir de uma análise do reflexo de condições sociais nas práticas culturais que referenciam classificações e hierarquizações. Para ele, o corpo na cultura é portador e produtor de signos socialmente percebidos; entretanto, a manipulação desses signos e dos esquemas montados para sua percepção faz parte das estratégias de posicionamento dos diferentes grupos que compõem o espaço social. As abordagens pós-modernas colocam a pessoa, o corpo, a subjetividade e a identidade no centro das agendas de investigação. Bourdieu ultrapassa a dualidade corpo-mente e signo e significado.

Embora tenha ocorrido sem dúvida uma mudança das representações corporais e do próprio valor do corpo, tanto por parte das classes dirigentes como das populares, é importante questionar a representação do corpo e as diferentes maneiras de se vivenciar o corpo dentro de uma perspectiva das negociações de poder e subalternidade entre mulheres informantes de nossa pesquisa.

Gollner (GOLLNER *apud* LOURO, 1998), tendo como referência os estudos culturais e a história do corpo, defende que a linguagem constroi o corpo, sendo este compreendido não apenas pelo organismo, como também pelos adereços e gestos que o formatam.

Diante da cena contemporânea de cuidados sobre o corpo, a partir da realidade que estudei, percebi que as prostitutas não possuem um cuidado com o corpo. Os corpos são investidos de adornos e há a marcante presença de um não-

zelo pelo mesmo, porque as mulheres informantes aparecem em seu cotidiano, quer estejam “fazendo salão” e quer estejam em uma rotina diária na qual não há clientes, entre o período da manhã até as quatorze horas da tarde. Amanda e Jaqueline, estando sem calcinhas na ocasião supracitada, permitiu-me notar que se tratava de ser a mesma roupa com a qual elas dormiam, vestiam-se diariamente e ficavam no “salão” durante a noite para receberem os clientes. Quando afirmo que não há um cuidar do corpo, é nesse sentido que estou observando as mulheres de minha realidade estudada. Elas não têm uma preocupação em se mostrarem asseadas diante dos clientes que as procuram. O ambiente no qual os cabarés existem possui um aspecto de insalubridade, alguns clientes que eu vi também possuem marcas insalubres. Em uma ocasião de minha visita ao Reduto de Afrodite, vi que um dos clientes chegava com as duas pernas cheias de barro que ia até os joelhos; curiosamente, aquele cliente me chamou atenção para esse fato. Eu estava perto de Micarla que ia fazer o programa com esse cliente e assim ela me respondeu:

Danieli: Como é isso? O rapaz está com as duas pernas repletas de barro e você vai ter relação sexual com ele? **Micarla:** Não vejo problema com isso. A gente dá um pedaço de sabão de coco pra ele e ele se lava. A gente se insinua e o cara tem que tomar banho. Já peguei cada um, é isso que me faz ter nojo de homem. Tem cada um que vem aqui! Tem homem que fede muito a azedo, fede muito mesmo, e fazer o quê, né? É meu trabalho. Eu me acostumei, mas tem uns que não dá mesmo, aí a gente finge e faz ele gozar logo porque o que vale é o dinheiro no final.

Nesta discussão, a partir da análise que fazemos com os dados obtidos em nossas entrevistas, questionamos esse cuidado com o corpo que não existe, pois muitos clientes que as procuram também não dão importância para o tal fato; muitas vezes, procuram as mulheres para transar apenas. Como é o caso do cliente de Micarla.

Na situação de Mariana, que estava vestida com seu mini-short, com maquiagens e tinha cheiro de perfume, avalei como um momento diferente diante do universo estudado. Jaqueline surgia sempre asseada, com roupas limpas e curtas. Ela se preocupava em se manter com boa aparência cotidianamente. Tinha quinze clientes, que podiam procurá-la todos os dias; dessa forma, compreendo sua preocupação em se manter sempre com boa aparência.

Outra questão importante diz respeito ao lugar que o corpo dessas prostitutas ocupa, haja visto que há uma relação com a venda de seu corpo através de relações sexuais com homens e com mulheres e também com o corpo delas.

As prostitutas não estão fora de uma ordem padronizada de uma estética. Elas têm um corpo que é idealizado pela cultura de consumo e que é, de várias maneiras, excludente. Isso porque é através da ameaça de exclusão resultante da inadequação aos padrões corporais que os indivíduos são constrangidos a estarem constantemente agindo através do consumo no aperfeiçoamento e manutenção de seus corpos. Dentro das estratégias de persuasão publicitária, é comum o uso de um modelo negativo que reforce no público o medo de perder o controle sobre o próprio corpo.

Como é o cuidar que as mulheres prostitutas têm com seus corpos na sociedade em que se encontram? Diante dessa condição, como perceber qual a relação que as mulheres prostitutas têm com seus corpos? É no corpo que se vai gravando a história da cultura a que aquele corpo pertence e é no vender dos seus corpos que essas mulheres constroem sua história.

Nosso corpo não é uma entidade natural: o corpo é uma dimensão produzida pelos imperativos/efeitos da cultura (BENEDETTI, 2005, p.48).

[...] E se acatarmos o pressuposto de que o corpo também ele é feito de um trabalho de elaboração cultural, ou seja, se considerarmos que a própria percepção, as próprias sensações físicas, os próprios sentimentos são efeitos da cultura, nós podemos chegar à conclusão de que é necessário fazer estudos detalhados de como o corpo é percebido, em cada segmento cultural. A idéia fundamental que temos em Antropologia é que na verdade esta percepção do corpo está associada à própria concepção de pessoa, que um determinado grupo social ou uma determinada cultura produz (BENEDETTI, 2005, p.45).

3.2 O QUE É QUE TEM DE EU MOSTRAR A...?

Essa frase foi dita por Amanda quando em uma visita à Casa do Eros; estavam na entrada do bar Amanda e Jaqueline. Ambas estavam se deslocando para passar por baixo de uma porta²⁷ que estava semiaberta e, na ocasião, eu me aproximava delas para dar boa tarde como uma forma de “quebrar o gelo” naquela que era mais uma tarde que se iniciava dentre tantas idas minhas a campo. Quando

²⁷ Esse tipo de porta é daquelas que há em algumas cigareiras.

essas duas informantes se direcionaram para a tal porta supracitada, ao passar a pernas por um degrau, o abrir de pernas permitiu-me observar que ambas estavam sem calcinhas. Nesse momento, a rua onde é endereçado o cabaré é bastante movimentada com transeuntes mais diversos. Indaguei-lhes o porquê e estarem ali sem calcinhas e de pernas abertas, permitindo que os transeuntes vissem suas partes genitais. Amanda olha para mim sorrindo e diz: o que é que tem de eu mostrar a (...)?²⁸ Aquela cena para mim foi interessante, porque percebi que as mulheres, pelos menos aquelas duas, não tinham se importado com a minha observação e seguiram adiante porta adentro. Em seu retorno, perguntei-lhes se elas costumavam não usar peças íntimas no cotidiano. A resposta foi negativa e mostravam-se com um aspecto de mulheres sujas, exalando um mal cheiro não agradável para mim. Fiquei me questionando sobre esse cuidar do corpo. Nesta mesma tarde, trinta minutos depois do ocorrido citado, Jaqueline é abordada por um cliente para “fazer o quarto”. Do jeito que ela estava, entrou no quarto, sem calcinha e suada e com um odor não agradável para quem chegasse perto. O cuidado de si, com o corpo com que se ganha dinheiro, de acordo com a realidade daquelas mulheres, dá-se em um horário específico em que elas podem tomar banho e trocar as roupas. Acontece por volta das dezessete horas.

O corpo humano produz linguagens através do nu, das roupas mais diversas, da língua falada, dos gestos, da máscara da profissão; determinados utensílios inerentes a cada profissional definem socialmente, através de símbolos, os profissionais que os utilizam, porque, segundo Hall:

As roupas e os ornamentos corporais são marcas fundamentais do código hiperlinguístico no homem como um ser de cultura. Revestir o corpo de uma segunda pele (a pele da cultura) é fator essencial para todas as culturas conhecidas: seja esta segunda pele em forma de roupas (o mais universal nos dias de hoje), seja em forma de adornos ou proteção com penas de aves, ossos e peles de animais, resina colorida de plantas, seja em forma de posturas hierárquicas familiares e sociais. (HALL; 2007, p.83-84).

Quer seja através do modo como elas se vestem, pois é no seu vestir que elas demonstram suas aparências, ou seja, o trabalho que elas exercem. Mas isso não quer dizer que ser prostituta é ter um estereótipo que as definem; porém, em se tratando das informantes, elas surgem no seu vestir com uma indumentária peculiar

²⁸ Nesse momento ela fala uma palavra chula que representa o órgão genital feminino.

para a execução de seu trabalho em algum momento específico do cabaré, a partir das dezoito horas da tarde, quando os clientes começam a procurá-las.

Em se tratando de mulheres prostitutas de nosso campo de pesquisa, concordamos com a idéia de alguns momentos existirem um simulacro, pois há jogos de sedução com seus clientes, isso é perceptível no seu modo de vestir, através de minissaias, vestidos curtos que mostram as nádegas, os seios que são postos à mostra, assim também as cores fortes dos batons que elas utilizam, o perfume com cheiro forte:

A função do vestuário e da sua decoração reporta-se a múltiplos aspectos da organização social. Tal como entre os pássaros, assegura simultaneamente a distinção da “espécie étnica” e a dos sexos. A identificação simultânea determina o registro no qual se inscrevem as relações (LÉROI-GOURHAN,1987, p.163).

Disse-me Mariana: “Ai meu deus! Vou ter que fazer o quarto! Essa é a pior hora”, que, na ocasião, usava um minishort mostrando suas pernas e uma miniblusa que mostrava o formato de seus seios com muita nitidez. Foi abordada por um cliente e ela falava comigo, olhou franzindo a testa e olhava para o cliente com uma expressão que, para mim, ficava claro, que ela sentia asco. Depois do “fazer o quarto”, o cliente sai sorridente do quarto. Enquanto Mariana sai com uma toalha na mão e com cabelos molhados e vem em minha direção dizendo:

“Me dá um nojo! Eu não gosto de penetração. Eu só penso em minha mulher que tá lá em casa, cuidando do meu filho. Só penso nela. Eu amo ela.

Ainda na mesma ocasião supracitada acima, Mariana não aparece apenas com suas roupas curtas, há também uma maquiagem e perfume que sinaliza para os clientes uma sedução e que a expressão de seus tons escuros na face e roupas é uma produção de um simulacro:

Todo es apariência, todo es simulacro; no correspondido por el cuerpo físico. (...) Converte com el maquillaje y el teatro como ostentación ritual y paródica de um sexo cujo goce próprio está ausente (BAUDRILLARD *apud* PEREZ,2000, p.20).

Ainda segundo Baudrillard, a feminilidade não é mais do que os signos que os homens o atribuem. Entretanto, a partir do que foi dito anteriormente por Jaqueline e

Carol, esse simulacro também sofre limitações do ponto de vista daquilo que possamos definir como simulacro, porque ambas disseram “gostar” e até podem chegar a obter “prazer” com alguns de seus clientes. A roupa tem o caráter de agente de comunicação pragmática no grupo social, tendo aqui aspecto de signo linguístico (BAUDRILLARD ,1989)

A identidade feminina da mulher prostituta foi socialmente construída por meio do que ela não deveria se conformar a uma posição coadjuvante no casamento, na família e dedicar-se ao marido e aos filhos. A sexualidade monogâmica, heterossexual e reprodutiva definia também o que se esperava do homem. Inclusive possibilitando, culturalmente, que ele tenha várias mulheres e frequentasse cabarés. E a mulher dos cabarés passa a exercer uma função que sustenta para o homem aquilo que ele não pode ter dentro de casa, em seu lar. Essa é uma das visões que se tem sobre o papel da prostituta em nossa sociedade. Isso aparece como uma idéia limitada e restrita acerca da mulher prostituta.

4 TU É ENTENDIDA, NÉ, DOIDINHA?

Eu cheguei à Casa do Eros para falar com Rosa Cabarcas, explicando-lhe sobre a minha proposta de pesquisa. Informei-lhe que eu soube da existência do seu bar, porque eu havia conversado com a presidente do GAMI. Rosa Cabarcas afirmou que conhecia Flávia (a dirigente do Grupo Afirmativo de Mulheres Independentes) e perguntou o que eu queria lá no cabaré dela. Indaguei-lhe se para ela aceitar as mulheres tinha que ter o pré-requisito que Flávia havia me dito: que as mulheres prostitutas que faziam programas na Casa do Eros fossem lésbicas²⁹.

Entrando nesse diálogo com ela em minha primeira visita ao campo de pesquisa, incisivamente, Rosa perguntou-me sobre minha orientação sexual³⁰ da seguinte forma: “E você? Tu é entendida, , doidinha?” Minha resposta foi que essa não era uma questão importante e devolvi-lhe a pergunta com outra pergunta: “Entendida? Como assim? Como entendida?”³¹ Falei de minha orientação sexual depois que eu e Rosa Cabarcas sentamos para conversar, cujo bate-papo durou cinquenta minutos. Percebi que era importante eu falar sobre mim, porque me dei conta que falar sobre minha orientação sexual poderia facilitar a minha entrada no campo de pesquisa que eu propunha analisar e compreender. Dei uma resposta afirmativa sobre o que ela percebera em relação a minha orientação sexual. Ela sorriu e disse que eu poderia ir lá as vezes que fossem necessárias.

Esse momento de nossa conversa nos mostra a relação intersubjetiva existente entre pesquisador(a) e pesquisados(as), no qual o pesquisador(a) está sempre em constante relação de intercâmbio com seu objeto pesquisado. Este fenômeno contribui para a construção de uma análise antropológica, exigindo uma disciplina do pesquisador(a) para não cair nas armadilhas que seu objeto em campo possa lhe proporcionar. Não há neutralidade científica, entretanto, devemos ficar atentos às nossas impressões pessoais e que não possamos atribuir juízos de valores ao que pretendemos desenvolver em uma determinada pesquisa (WEBER, 2001, p. 27).

²⁹ A dona da Casa do Eros, em nenhum momento de nossas entrevistas, utiliza a expressão lésbica. Essa expressão foi dita pela presidente do GAMI (Grupo Afirmativo de Mulheres Independentes).

³⁰ Em relação à expressão orientação sexual, trata-se de uma faculdade volitiva, racionalizada e racionalizante, não se faz presente, uma vez que a escolha intencional e voluntária de um sexo e, ou outro como objeto de desejo não se encontra sob o domínio consciente do sujeito desejante.

³¹ Diário de campo em 3 de setembro de 2007.

Ainda sobre subjetividade no campo, Grossi nos coloca que pensarmos a produção do conhecimento antropológico é ir mais além do que simplesmente pensar no “ponto de vista do outro”, quando se trata de contrastar a igualdade x diferença. Podemos questionar as dificuldades da pesquisa adotando o método de problematizar a subjetividade na prática antropológica a partir dos conflitos vividos em campo, e isso deve ser feito com qualquer objeto estudado.

Nossa questão central neste Capítulo é analisar a categoria que as mulheres informantes utilizam quando indaguei sobre suas orientações sexuais. Em seguida, trazemos a discussão sobre a trajetória afetivo-sexual que elas vivenciam em seu cotidiano, problematizando com a temática acerca da bissexualidade, porque esta vai se mostrando ao longo de nossas conversas durante os três meses de ida a campo.

A palavra “entendida” surge nas falas de todas as mulheres prostitutas que eu entrevistei nos cabarés. Ir ao campo passou a ser uma atividade em que as mulheres me viam como uma pessoa que estudava sobre elas, mas que levou um tempo para que eu pudesse ir conquistando a confiança das informantes, já que, inicialmente, sabendo de minha orientação sexual, começaram a fazer perguntas sobre o motivo pelo qual eu estaria ali em “um cabaré”. Jaqueline me disse no início de nossas entrevistas:

Vem cá? Tu tá fazendo uma pesquisa ou tá tirando onda? Você gostaria de fazer programa com alguma de nós? Você, depois disso tudo, vai ser o quê? Sexóloga? Sexologista ou o quê? Tou achando que tu tá é querendo fazer alguma experiência com uma de nós. E você acha o quê sobre isso tudo? **Danieli:** Perguntei-lhe: Isso tudo o quê? Ela responde: Isso de você querer entender a gente que é entendida.

Temos inúmeras categorias que tentam explicar as práticas afetivas e sexuais entre as pessoas do mesmo sexo. De acordo com Aquino, há várias formas de expressão acerca da multiplicidade terminológica que envolvem a prática sexual dos(as) (homo)sexuais, ou seja, há uma vasta gama de classificações, definições, nomações e hierarquizações produzidas interna ou externamente ao lesbianismo e aos gays.

Várias foram as formas e tentativas de classificar os homossexuais, muitas vezes classificações baseadas em contextos pseudocientíficos oriundos das escolas de medicina, psiquiatria, sexologia forense e etc. Tais

classificações, no mais das vezes vazadas por preconceitos e imprecisões, terminam por construir um objeto estático e defasado na prática concreta dos indivíduos. Devemos, por isso, ser cautelosos no emprego da noção de “tipos lésbicos” (AQUINO, 1993, p.80).

Concordamos com a idéia de que a prática afetiva e sexual de pessoas que fazem sexo com pessoas do mesmo sexo (diga-se: mesmo órgão genital) possui um leque de possibilidades variadas sobre o tema dessas relações e que procura dar conta da multiplicidade de estilos de vida e de escolhas do lesbianismo e do mundo gay. Diante da vasta definição que temos em relação a essas pessoas (homo) sexuais, colocamos em discussão acerca da identidade em que as mulheres prostitutas/entendidas assumem quando as questionamos. Assumem-se entendidas, mostrando-nos uma identidade construída por elas a partir do que elas vivenciam e autodefinem-se como tais.

Devemos levar em consideração diante destas classificações, definições, nomeações e hierarquizações produzidas interna ou externamente a suas trajetórias afetivo-sexuais que são aqui examinadas e mostrar as diferenças identificadas socialmente no grupo estudado (AQUINO, 1993, p.79).

Diante das múltiplas definições construídas no universo lésbico acerca de sua prática sexual, preferimos adotar a definição que as próprias informantes utilizam em seu cotidiano, que é “entendida”. Quando interpeladas sobre suas práticas sexuais, todas as mulheres prostitutas que moram no cabaré da Rosa Cabarcas se autodenominaram “entendidas”. Amanda não sabia o que era lésbica quando foi abordada por mim:

Nunca ouvi falar sobre essa palavra “lebisca”, nunca tinha ouvido falar nisso. O que é mermo? **Danieli:** Respondi-lhe que não era “lebisca”, e a palavra correta seria lésbica. Depois de minha resposta, ela disse que conhecia sapatão, mas essa outra não: “Sabia que tinha sapatão, mas lebisca não”. Prefiro entendida, porque as pessoas não olham diferente pra mim, não gosto de ser chamada sapatão. Você já viu meu pé? É pequeno e não tem nada a ver com isso.

Para Fry (1982, p.95-104), o surgimento da categoria “entendida” relaciona-se com uma transformação social das classes médias e altas das grandes metrópoles do País e em consonância com os movimentos de libertação homossexual nos Estados Unidos e na Europa, nos anos de 1960. O termo “entendido” enfatiza a

igualdade entre os homossexuais e afirma-se como uma espécie de correlato ao termo *gay* cunhada pelos movimentos (homo)sexuais norte-americanos e europeus. As lésbicas brasileiras tomam “de empréstimo” aos homossexuais masculinos o termo “entendido”, adaptando-o a sua livre orientação sexual.

Dentro das classes médias e altas brasileiras, os homossexuais passam a se autodesignar, então, “entendidos” e “entendidas”. Assim, o desenvolvimento histórico da categoria “entendido(a)” nos dá a pista para que se possa compreender melhor o recorte de classe que ela opera. Em contraposição aos termos de “classe baixa” (“caminhoneira”, “soldado”, “guarda-costas” e até mesmo “sapatão”), a autodenominação de “entendida” designa a lésbica das classes médias e altas. (AQUINO, 1993, p.90).

Outro termo utilizado é “sapatão”, sendo que este é bem menos recorrente em suas falas e, quando surge, está configurado em um sentido voltado para a chacota e brincadeiras entre as mulheres do cabaré.

Assim, disse Jaqueline a Fernanda em minha presença, quando nós estávamos conversando sobre o termo entendida e o termo sapatão foi dito de forma jocosa dentro de uma brincadeira entre as duas informantes: Mulher! Sai daqui, sapatão, se não eu vou te pegar ³².

Diferentemente da compreensão de Aquino (1993), de Fry (1982) e de Perlongher (1987), percebemos em nosso estudo que as prostitutas informantes se automeiam “entendidas” e que suas histórias de vida são diferentes das mulheres da pesquisa de Aquino. Todas as mulheres são de uma classe social menos privilegiada, onde uma delas foi “trombadinha” nas ruas de Recife e outra morou “um tempo na Rodoviária de João Pessoa”.

A categoria “entendido” surge nas classes médias cariocas e de São Paulo.

Entendido é definido como um personagem que tem certa liberdade no que diz respeito ao seu papel de gênero e à sua “atividade” ou “passividade”. [...] O macho que se relaciona sexualmente com outro macho, mesmo “ativamente”, deixa de ser “homem mesmo” e vira “entendido” ou “homossexual” (FRY, 1982, p.93-94).

A identidade de “entendido” para Fry não supõe um comprometimento com “atividade” ou “passividade” e possibilita o troca-troca da igualdade entre os gays.

³² Informação no diário de campo no dia 26 de setembro de 2007.

“Entendida” é um termo empregado, muitas vezes, fora dos limites das redes de relações ou espaços lésbicos. De certa forma, pode-se dizer que está apropriado por setores da sociedade onde há a presença de artistas, de intelectuais, de “empresários” do mercado sexual, das prostitutas, de adolescentes e outros(as), e define não só a proposta de relacionamento igualitário entre duas mulheres, como a presença da lésbica que não tem características masculinas e é integrante de todas as camadas societárias.

Assim, “entendida” passa a ser um qualificativo social, ao contrário das outras referências sobre as mulheres que fazem sexo com mulheres que conotam pejorativamente, tais como sapatão, maria-homem e passa a ser atribuído aos espaços de sociabilidade que estão para além dos espaços lésbicos. Ser entendida é diferente de ser sapatão em ambientes nos quais as mulheres lésbicas não possam se identificar como tais³³.

Entretanto, Aquino em sua pesquisa faz a diferenciação, por exemplo, entre um bar de clientela proveniente das camadas médias e altas, como um bar de “entendidas”, e outro de clientela presumidamente de camada “mais baixa”, como um bar de “sapatão” ou de “caminhoneiras”. Diante do exposto, por se tratar de mulheres que são oriundas das camadas mais baixas, meu argumento contraria o que observa Aquino em sua pesquisa. As categorias modificam-se, estendem-se ao longo do tempo, invadem as classes sociais e constroem identidades variadas.

Em minha opinião essa terminologia determina a priori as perguntas que fazemos e as respostas que podemos encontrar quando analisamos as práticas homoeróticas, nenhuma categoria não deve arvorar-se de pretensão de verdade universal (OLIVEIRA, 2006, p.151).

A expressão “entendida” é empregada pelas informantes de nosso trabalho dando-nos a compreensão da percepção que elas possuem sobre si mesmas; trata-se de seu ser e estar na “vida”³⁴, de estar em um universo repleto de estigmas e preconceitos. Ser entendida nos dá a idéia de que elas ali, nos cabarés, se entendem, dão um sentido para esse estar construindo suas identidades.

³³ A luta dentro do movimento LGBTQTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Transexuais) tem como uma das bandeiras trazer a discussão acerca da questão sobre a visibilidade, hoje, luta-se por uma proposta que todas as lésbicas possam conquistar o direito de serem reconhecidas em todos os espaços sociais.

³⁴ Muitas mulheres prostitutas utilizam a expressão ser “da vida” quando são questionadas sobre sua profissão.

No universo das prostitutas, elas não se identificam como sapatão. Compreendo com Aquino:

De revelar-se, o senso comum exige um assumir-se e, desse, posturas caricatas e estereotipadas. Quer se mostrar como lésbica? Que se vista e se porte como homem. O senso comum não admite sutilezas. Até por isso que é comum. Mas essa exigência não aparece só da parte dos heterossexuais, ela está presente também no universo homossexual, fruto da assimilação dos padrões dominantes que só concebem duas possibilidades de ser: ser homem ou ser mulher. Ser homem ou ser mulher, no plano sexual, significa ter atração pelo sexo oposto; logo, quem quiser ter atração pelo mesmo sexo, deve parecer e comportar-se como pertencente ao seu sexo oposto. Triste lógica que encarcera as sutilezas e as autenticidades e que gera condutas muitas vezes descompassadas com as individualidades (AQUINO,1993, p.92).

Nossas informantes se autodefinem entendidas, expressão dita por elas em nossas entrevistas, nunca citam lésbica. Segundo Aquino, “a autoidentificação como lésbica parece ser privilégio” das homossexuais feministas que, ao se reconhecerem assim, procuram enfatizar o aspecto político da orientação homossexual: a recusa, na prática, da relação de poder estabelecida pela heterossexualidade, onde o homem domina a mulher. O termo homossexual aponta para uma concepção de “condição”, o termo lésbica enfatiza a “orientação” e, semanticamente, abandona a questão do comportamento sexual, exclusivamente, em direção à construção da identidade.

Em sua pesquisa, Aquino examina como estas definições constroem e manipulam as relações sociais de gays e lésbicas, no sentido do estabelecimento de um universo homossexual, classificado como uma forma de se inserir em um mundo heterossexista que determina as normas e os padrões sustentados pela regra de normalidade aceita socialmente apenas entre os heterossexuais.

As categorias criadas para definir a prática da (homo)sexualidade também nos possibilitam compreender que muitas vezes essas definições não são aceitas pelos próprios gays e lésbicas, pois ainda com Aquino em sua pesquisa:

A categoria lésbica aparece como recusa. Apenas Ana a inclui no seu discurso, assim mesmo ligada a enunciados de outras pessoas, como curiosidade, quando comenta sobre a primeira vez que ouviu o termo “lésbica” e uma amiga lhe explicou o seu significado, ou como categoria de acusação, quando, numa situação de brincadeiras escolares foi chamada de lésbica por uma colega, com uma conotação acusatória. É justamente pela conotação acusatória e pejorativa que a denominação lésbica é recusada: Eu sou homossexual... eu acho horrível essas palavras todas (...)

A menos pior sapatão; e a que, se eu tiver que dizer, prefiro dizer [que sou] homossexual do que dizer que sou lésbica. Lésbica me soa assim: lésbica, lésmica, lesma, uma coisa nojenta, feia (Júlia) (AQUINO, 1993, 82).

As atribuições terminológicas são variações simbólicas culturais sustentadas por danos sofridos sob valores sexistas/patriarcais. Estas refletem a tendência histórica e universal a categorizar experiências humanas e pessoais. Facchini nos elucidada:

As categorias usadas para classificações dos próprios sujeitos e dos “outros” são uma rica fonte para a percepção das convenções sociais que essas mulheres mobilizam e das relações de poder que estabelecem de modo mais ou menos contingente, fazendo-se presentes não apenas na frequência a espaços de lazer/sociabilidade marcados pela (homo) sexualidade, mas também em sua vida cotidiana (FACCHINI, 2008, p.219).

A fixação de categorias apenas colaboraria para emprestar às situações, lugares e sujeitos uma falsa impressão de substância.

Uma pesquisa realizada durante a parada *gay* de 2005 mostrou que 15,1% das mulheres lésbicas se autoidentificavam como entendidas. Há uma dispersão de categorias entre as mulheres evidenciada na parada *gay*. Vange Leonel, em seu artigo “Nem lésbica, nem bolacha, nem sapatona e nem entendida”, no site GLS Mix Brasil, no texto diz: “a invisibilidade das lésbicas” aparece, entre outras coisas, relacionada à ausência de um termo específico, “pra cima” e de fácil assimilação, como foi o caso do termo *gay*. Outra concepção acerca de termos e, ou categorias que identificam mulheres que fazem sexo com mulheres, é esclarecida por Vange Leonel em seu site supracitado:

É verdade que lésbicas brasileiras já inventaram termos para dignificar e aumentar sua autoestima, como, por exemplo, “entendida”. Porém, “entendidas” são memes em via de extinção, provavelmente por terem sido muito usados numa época em que se vivia dentro do armário.

Com esta pesquisa, analisei que essa categoria, que fora criada para dar uma identidade aos *gays* das classes médias e altas da sociedade carioca e paulista na década de sessenta do século passado, está sendo absorvida pelas camadas baixas de mulheres que têm uma história de vida afetada pela miséria. Ser

“entendida” não classifica as mulheres que assim se autodefinem, sua faixa etária e ou classe social.

Regina Facchini, em sua tese *Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na Cidade de São Paulo* (defendida há três meses), fez uma pesquisa com mulheres com mais de trinta e cinco anos e que foram identificadas como pertencentes a estratos populares diversos, e diz:

[...] a categoria mais citada é a de “entendidas”. Essa classificação aparece com menor frequência entre as mais jovens do mesmo estrato social, e, também, entre algumas das que se enquadrariam num estrato médio baixo [...] não é citada entre os estratos médios [...] (FACCHINI, 2008, p.225).

Ainda Facchini coloca:

De modo geral, a categoria utilizada tende a variar de acordo com a circunstância e o interlocutor. [...] o termo entendida é utilizado quando a estratégia é suavizar o impacto da informação sobre a sexualidade para o receptor ou falar apenas “para quem entende”. Alguns desses termos são usados de modo intercambiável por uma parcela das mulheres entrevistadas, sendo a escolha determinada pelo contexto (2008, p.225).

Diferentemente das mulheres entrevistadas por Regina, as informantes desta pesquisa se assumem em uma identidade com o qual o termo que elas se autoidentificam não sofreu alteração no decorrer de nossas conversas e nem foi contextualizado com nenhuma circunstância presenciada por mim. Ser entendida foi o termo que sempre esteve presente nas falas das mulheres entrevistadas:

Eu sou assim, sabe, gosto de mulher [...] Não quero ser chamada de sapatão, porque é muito feio, prefiro ser chamada de entendida. (Mariana)

Minha irmã, doido, tá ligada? Sou entendida e minha mulher tem um ciúme tão grande de mim; ela sabe que eu venho aqui [...] e fica contente quando eu chego com o dinheiro para ela poder comprar o leite dos meninos. Ela é entendida também e nós nos entendemos. Entende essa parte quando levo o dinheiro. Só é estressante a hora do ciúme, ela acha que posso gostar de algum macho por aqui [...] eu nem imagino nada disso (Carol).

A categoria entendida, como vem sendo apropriada pelas mulheres das camadas baixas, nos dá a idéia de que há mudanças sociais no modo como as classificações sofrem alterações ao longo do tempo, na forma de determinar a (homo)sexualidade feminina e, portanto, também em compreendê-la. Na pesquisa

realizada por Sérgio Carrara e Júlio Simões na Parada do Orgulho GLBT³⁵ de São Paulo, em 2005, assim como já ocorrera naquelas realizadas em anos anteriores no Rio de Janeiro, os dados indicavam uma mudança no perfil dos que se classificavam a partir dessa categoria. A categoria, entendido(a) é mais comum entre o(a)s de nível de escolaridade menor (CARRARA *et al*, 2006, p.27)

FACCHINI Conclui:

A expansão dessa categoria para fora dos limites do “gueto elitizado”, registrada por Aquino, e o uso que dela se faz atualmente entre mulheres de estratos sociais populares e médio-baixos parece autorizar a interpretação de que sua presença nesses estratos talvez seja fruto da “relação hierárquica” (CARRARA; SIMOES, 2007) identificada por Fry entre os dois modelos ideais, o igualitário moderno e o hierárquico/tradicional. Praticamente banida do estrato social que a originou, essa categoria deu lugar a outras, que se multiplicam. Essa multiplicação parece ocorrer a partir da lógica de diferenciação apontada por Fry (1982), que – para o desapontamento dos que gostariam de ver fortalecida a “visibilidade lésbica” – toma categorias de referência à sexualidade como linguagem para a expressão de outras diferenças. (FACCHINI, 2008, p. 227).

Temos o exemplo disso com Lacombe, em seu estudo De entendidas e sapatonas: socializações lésbicas e masculinidades em um bar do Rio de Janeiro:

Entendidas: a palavra entendida ficou mais suave [...] de onde vem eu não sei, entendida é quem entende, quem entende o outro, pra mim a explicação é essa (LACOMBE, 2003, p.1) - Entendida o quê? – Que eu te entendo, que eu entendo você. – Eu acho que entendida seria que entende os heteros [sexuais] e entende a própria mulher que ela gosta, entendeu? Eu acho que isso é a palavra entendida, porque não desrespeita a opinião dos heterossexuais e então entende as meninas, entendeu? [Acrecenta Magnata, outra das freguesas do lugar] (LACOMBE, 2003, p.1-2).

Entender se transforma em um modo de compartilhar um segredo que, apesar de público, não implica a ausência de intimidade; ser entendida nos remete a idéia de que há cumplicidade entre as mulheres que estão ali naquele universo dos cabarés, porque moram lá, não fazem parte de um mundo externo à realidade delas. Assim nos disse Jaqueline:

Às vezes penso em não fazer mais programa [...] gosto daqui, aqui é minha casa, é onde sou acolhida pelas minhas amigas que moram aqui comigo. Fui acolhida por Rosa. Eu não acho ruim morar aqui, já tive uma namorada

³⁵ Essa sigla hoje sofreu alterações passando a letra L para o início. Em decorrência das reivindicações do movimento lésbico. Hoje é LGBT (Lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros).

que também morava aqui, mas a relação não deu certo. Ela hoje faz programa em outro cabaré, em outro estado. Mas era ótimo quando a gente morava aqui. A gente se entendia, eu acho que entendida é isso. É entender a outra também.

Esse “olhar entendido” constrói a identidade sexual das mulheres prostitutas/entendidas. Trabalhei com as categorias e elaborações das informantes sobre si mesmas e sobre a situação na qual estão inseridas, bem como outros dados empiricamente observáveis. Esta percepção da categoria que fora dita logo no início de meu ingresso em campo, possibilitou um afunilamento daquilo que viria a me direcionar para uma investigação teórica e sistemática sobre os conceitos até aqui trabalhados.

Compreender categorias a partir de nosso campo é importante, porque, no meu caso, a exploração dos significados atribuídos pelas mulheres possibilitou-me interpretar a identidade sexual de uma realidade particular existente entre mulheres que tem relações afetivas/sexuais com homens e mulheres. Identificar os processos pelos quais a identidade sexual constituiu-se na cultura ocidental, que é uma das dimensões centrais da identidade social das pessoas ancora-se e impregna –se de um lugar em que a sexualidade ocupa na cultura ocidental, possibilitando uma verdade nos sujeitos.

Refutamos a idéia de Gomide, que nos diz que “assumir uma identidade lésbica envolve aproximar-se da subcultura lésbica e, ao mesmo tempo, gerenciar a comunicação dessa informação estigmatizadora para com o restante da sociedade. As lésbicas tendem a ser habitantes de dois mundos, o heterossexual e o *gay*. E, para conseguirem viver, trabalhar e amar, precisam satisfazer exigências de ambos. No mundo heterossexual, necessitam “passar por heteros”, ou pelo menos “desenvolver” uma representação que as defina como fêmeas. No mundo lésbico, precisam lidar com normas diferentes para serem aceitas e buscarem parceiras amorosas (STEIN, 1999, p.407). E como pensar essa questão em relação às mulheres que são prostitutas ((hetero)sexuais) e entendidas ((homo)sexuais) ao mesmo tempo?

Entretanto, em relação às informantes, elas não se enquadram em nenhum tipo de discurso lésbico; a exemplo disso, a expressão “entendida” nos possibilita “entender” que suas identidades são construídas nos cabarés; é o modo como elas

realizam suas escolhas e se percebem diante da vida e de seus desejos. Essa identidade é constituída por significados construídos dentro e fora do grupo pesquisado.

Percebemos que a identidade das prostitutas/entendidas é construída com questionamentos que surgiram a partir do nosso primeiro encontro com a presidente do Grupo Afirmativo de Mulheres Independentes (GAMI), pois a construção das identidades vale-se do processamento dos indivíduos, dos grupos sociais e sociedades que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social.

Quem constroi a identidade e para quê essa identidade é construída? A identidade consiste na aceitação de ser alguma coisa determinada pelo ponto de vista individual ou coletiva. Essa aceitação é em grande medida os determinantes do conteúdo simbólico dessa identidade, bem como de seu significado para aqueles que com ela se identificam ou dela se excluem. Nesse sentido, a sexualidade “transformou-se, por intermédio de um processo secular de mudanças, em uma dimensão fundamental de definição das identidades dos sujeitos sociais” (HEILBORN; 2006, p.362).

É uma dimensão que integra a identidade pessoal de cada indivíduo, porém são originadas, afetadas e transformadas pelo modo como os valores sociais, sistematizados em códigos culturais, organiza a vida coletiva em um dado momento histórico (GAGNON; SIMON,1973, p.362).

Nenhuma identidade sexual, mesmo a mais normativa, é automática, autêntica, facilmente assumida; nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção.

Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro, uma identidade homossexual instável, multável e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada (LOURO *apud* BRITZMAN, 1997, p.27).

Assim nos disse Jaqueline e Carol, respectivamente:

Quando eu tou lá fazendo o quarto, eu fico com nojo de alguns clientes, mas tem uns que eu até gosto. Gosto de ficar perto deles, de conversar, porque eles são agradáveis, a gente nem trepa, às vezes acontece, né? Isso acontece mais com os homens mais velhos. Os rapazes só querem meter o pau. Assim eu não gosto. Tem uns que são fedorentos, uns

cheirosos, que pode até acontecer de eu gostar de trepar com eles e gozar. Esses clientes assim, eu gosto.

Eu não gosto de *boy* não. Os *boy* só querem meter e não tão nem aí. Prefiro os homens mais velhos, os coroa, porque eles conversam, às vezes desabafam, e não naquela coisa de só meter igual aos *boy*. Mas, assim, eu trabalho no bar como garçomete, e só faço programa quando eu olho pro cara e vejo que ele não quer só meter, por isso, fico assim, sou garçomete e quando converso com o cara e sinto a onda dele, aí eu vou pro quarto. Por isso que é mais difícil eu fazer programa. Mas eu faço.

Nesse sentido, as mulheres prostitutas/entendidas formam um grupo identitário no qual percebemos que pode acontecer com algumas delas uma relação afetiva e sexual com seus clientes. Elas não se eximem diante dessa possibilidade. Pode acontecer que algumas dessas prostitutas venham a ter relações com algum homem que possa lhe despertar algum desejo sexual e, ou afetivo. Como aconteceu com Mariana, que recentemente, eu soube através de Fernanda³⁶:

Ela não faz mais programas lá não. Foi morar com um cliente faz uns seis meses e ela foi buscar o filho e deixou a companheira dela. Se apaixonou pelo rapaz e eles estão junto. Ele assumiu ela até com o seu filho que ela teve que ir buscar na Paraíba. Ela mora agora em Natal, mas não tá mais fazendo programa. Ela tá certa, tá muito novinha e tem muito o que aprender na vida. Tem que pensar no filho, né? Perguntei-lhe se ela sabia de um número de telefone para que eu pudesse ligar para ela. Fernanda, na ocasião, dizia não saber mais sobre “a vida de Mariana”.

Este fato nos aponta para uma discussão complexa existente dentro da prostituição com mulheres que são “entendidas”. Como podemos pensar essa sexualidade? Tem alguma relação com o que acontece com a sociedade contemporânea, como discutimos no Capítulo? Elas fazem sexo com ambos os sexos e não descartam a possibilidade de também se relacionarem afetuosamente com homens. Isso fica claro nas últimas falas descritas acima. Há algo dentro de uma lógica de prática afetiva/sexual que nos orienta para uma discussão acerca da bissexualidade? Afinal, apontamos uma discussão com a qual essas mulheres mostram-se possíveis de estabelecer relações afetivo/sexuais com os dois sexos: homens e mulheres.

³⁶ Esta informação foi dada recentemente quando fui chamada pela ASPRORN, dia 7 de outubro de 2008, para realizar uma oficina com mulheres prostitutas, participando do Projeto Diamante Bruto. Na ocasião, com aproximadamente 150 mulheres, Fernanda era uma das participantes do evento.

Questões em torno da bissexualidade mostram-se de extrema relevância para se compreender a sexualidade e suas múltiplas expressões identitárias. Diante de nosso objeto em questão, as mulheres prostitutas/entendidas seriam bissexuais? O que elas teriam a dizer sobre isso?

Um dos primeiros pensadores acerca de uma possível bissexualidade humana foi Freud, ao escrever Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade, em 1903. Para ele o tema da bissexualidade é inquietante quando não explosivo; é minado, por assim dizer, pelas conhecidas sensibilidades sociais e ideológicas. Freud já discutia sobre o papel da bissexualidade nas neuropsicoses, cujo estudo ocupou o grande pensador da Psicanálise durante 40 anos, desde 1897 até o grande teste clínico de 1937, acompanhando *pari passu* a descoberta e as elaborações em torno do complexo de Édipo.

Para ele, todo ser humano já nasce bissexual, sendo esta uma bissexualidade originária, uma espécie de substrato sobre o qual se trabalha e se processa o Édipo. A bissexualidade, diz Freud, “ofusca e embaralha nossa visão sobre a natureza das escolhas do sujeito” (1923). A elaboração da bissexualidade é, portanto, crucial e determinante para o todos nós. Peter Fry traça o seguinte comentário sobre Freud e a sua teoria da bissexualidade:

De início, o desenvolvimento dos meninos e meninas é idêntico; Freud não acreditava na noção popular de que os meninos são agressivos e as meninas, submissas. Pelo contrário, muitas vezes os homens são passivos, e as mulheres bastante ativas em suas aventuras eróticas infantis. Tais histórias sexuais dão uma sólida base à tese de Freud sobre a bissexualidade, isto é, a idéia de que cada gênero apresenta algumas características do outro (FRY, 1997, p.468-469).

Parece-me que ainda continua sendo intrigante discutir e, ou pensar a bissexualidade. A exemplo disso, em recente conversa com Flávia, ela me disse³⁷:

A bissexualidade é um tema difícil de ser explorado pelo movimento, porque nenhuma mulher quer se assumir bi. Primeiro, eu acho que tem um problema com as estruturas sociais, porque, ao falar de bissexual, tem que pensar também nos homens bissexuais. Os homens não se aceitam bissexuais, porque mexe com as famílias, mexe com a casa deles. Olha, tem muito homem casado que é *gay*. Homens com mulheres e filhos. Eles jamais vão se assumir bissexual porque são machistas. Isso acontece também com as mulheres. Elas não podem se assumir bissexuais, porque vão sofrer preconceito. Não serão aceitas diante dessa lógica machista que já foi construída por muito tempo na cultura. É difícil tudo isso. Não é fácil. A

³⁷ Entrevista concedida em 1 de novembro de 2008.

letra B do movimento LGBTTT, mostra o B de bissexual, mas não temos dentro do movimento ninguém que se assumia assim. Digo dentro dos dois movimentos: o Gay e o Lésbico. Tem lá a letra, mas não é representado por ninguém. Sabe-se que existe, mas ninguém toca nesse assunto. É difícil tudo isso. A gente sabe que existe, mas tocar no assunto é mexer em toda uma estrutura machista e que fica com *gays*.

Compartilhamos a idéia de Lago: a bissexualidade permanece insuficientemente problematizada enquanto categoria e pouco explorada no campo das pesquisas sobre sexualidade (LAGO, 1999, p.157). O universo sexual em nossa cultura se encontra percebido pelas categorias “heterossexual”, “homossexual” e “bissexual”; esta última:

Permanece marginal e obscura no interior de um gradiente marcado por uma forte oposição. Vista mais como uma variação da homossexualidade do que como uma extensão do desejo heterossexual, ela é alvo de desconfiança tanto por parte de heterossexuais quanto de homossexuais.

Ainda citando Lago:

De certa forma, pode-se dizer que a identidade bissexual, ainda que secreta, impõe-se aos entrevistados como alternativa ao temor da identificação com a homossexualidade. Assim, a “adoção” dessa identidade por parte dos sujeitos necessita ser relativizada, uma vez que ela, de alguma maneira, também os captura como proporção possível de solução de um dilema (LAGO, 1999, p.172).

Nega a inevitabilidade da fronteira que separa os homossexuais dos heterossexuais, colocando em questão a própria noção de uma identidade (homo)sexual que, para muitas pessoas, representa um modo de dar ordens a suas vidas, cheio de possibilidades de gratificação e, muitas vezes, “assumido” as duras penas.

Certo é que as mulheres prostitutas/entendidas mantêm relação sexual com homens, podendo inclusive ter algum tipo de relação afetiva com seus clientes. Assim nos diz Fernanda:

“Adoro está em cima de uma pomba³⁸”, disse isso fazendo gestos corporais como se estivesse em uma relação sexual. E concluiu dizendo que também gostava de “trepar” com mulheres da mesma forma que “trepara” com os

³⁸ Refere-se ao órgão sexual masculino.

homens. Entretanto, considerava-se “entendida”, porque não era com todo homem que ela costumava “gozar”.

A fala de Fernanda nos faz pensar que gostar de ter relações sexuais com homens não significa que essas mulheres sejam bissexuais. A questão aqui não é categorizá-las como bissexuais. Gonçalves, falando sobre o grupo Transas do Corpo, que possui atendimento ao usuário que pode fazer perguntas sobre sexo, além de outras perguntas, perguntas essas, em sua maioria das vezes, sobre o prazer sexual e de interrogações sobre o que é normal, relata a pergunta de uma usuária:

A pergunta: “eu gostaria de saber se leva muito tempo para uma mulher sentir orgasmo (estatisticamente falando). Eu ainda não tive nenhum e não sei realmente qual está sendo a dificuldade para eu chegar lá. Grata, Ana” (GONÇALVES, 2003, p.81).

O que acontece com Fernanda é diferente sobre o que acontece com Ana; porém, faço uma diferenciação entre ambos os diálogos para perceber que ter prazer em uma relação sexual não significa que os sujeitos envolvidos na mesma, assumem uma identidade específica, ou seja, sejam (homo)sexuais, (hetero)sexuais ou (bi)sexuais.

De acordo com Gonçalves:

Ana recebeu, além dos dados desejados, um roteiro de perguntas que promoviam a autorreflexão sobre sua pergunta: o que ela entende por orgasmo, que tipo de associações estabelece quando pensa em orgasmo, com quem se relaciona, que tipo de comunicação vivencia na relação, como se sente em relação ao seu corpo, ao toque, ao outro, e assim quase infinitamente reinventado formas de promover sua autorreflexão sobre sua pergunta (GONÇALVES, 2003, p.81).

Ser entendida não passa meramente por uma discussão que nos faça pensar que as mulheres prostitutas são lésbicas, ou qualquer que seja a categoria que se pretenda conferir a essas mulheres. Trata-se de uma identidade criada por elas a partir daquilo que elas pensam sobre suas práticas sexuais. Ser entendida não pode ser vista meramente por uma questão anatômica.

As informantes expressam seus desejos e emoções em relação aos clientes escolhidos por elas. Há aqueles que podem provocar uma vontade de estabelecer algo que esteja para além de um “fazer o quarto”. Assim nos disse Carol, quando

falou anteriormente sobre sua opção em fazer programas com homens mais velhos. Como também foi dito por Jaqueline que colocou que alguns homens cheirosos podem levá-la ao orgasmo. E Mariana, que hoje está casada com um homem. Quando nos conhecemos, ela afirmava que “amava a sua companheira”, entretanto, entre suas falas, houve uma em que contraria esse sentimento:

De repente, né? Posso sair daqui e arrumar um macho para me dá um sustento. Posso sair com ele e ele dando a garantia de que me oferecerá um sustento para meu filho, eu fico com ele. **Danieli:** Perguntei-lhe sobre a sua companheira e ela me falou: ela vai entender. O que eu não posso é ficar assim sem dinheiro, vendo meu filho passando necessidade. **Danieli:** E você aposta que pode gostar desse homem? **Mariana:** Olha, não é assim, não. Primeiro tem que rolar um interesse de minha parte. Tenho que ter vontade de ficar com ele. E isso pode acontecer. Eu não posso falar por mim, sou nova e muita coisa pode acontecer, né?

Sobre isso, diálogo com Regina (2008, p.237):

O ato sexual não é uma prática autonomizada, está sempre inscrita em um conjunto mais amplo de significações, que agrupam desde o contexto relacional específico e o momento da trajetória de vida até o tipo de parceria e afetos envolvidos. A atividade sexual pode encontrar a vontade de procriar, a satisfação do desejo, a demonstração de um estatuto social, ou um gesto que consolida uma relação afetiva. Estes diversos significados não são necessariamente excludentes, podendo haver um constante ajuste dos sujeitos no exercício de sua sexualidade em função do momento da trajetória biográfica.

Diante de todo esse turbilhão de idéias, as ciências em geral têm pensado sobre as mulheres no final do século XX e sobre as questões relacionadas à intimidade, à vida privada e à sexualidade, como centro de reflexão sobre a construção da pessoa moderna. Este problema torna-se presente neste estudo, cuja temática é polêmica e desafiadora para o conhecimento. De acordo com Heilborn, duas faces compõem a personagem do indivíduo moderno: uma delas refere-se à sua constituição como sujeito político livre e portador de direitos (DUMONT, 1993); a outra alude à sua fabricação subjetiva, por múltiplos dispositivos disciplinares, que tomam as experiências da sexualidade centrais para a construção das identidades (HEILBORN, 1991, p.8).

Sabemos muito pouco sobre a sexualidade humana e sobre a diversidade sexual existente em diferentes cenários sociais e culturais. Contudo, a partir da nossa própria experiência, trazida pelos constantes desafios impostos pela dinâmica

da disseminação da epidemia da AIDS, percebemos que, mais do que o conhecimento sobre os comportamentos sexuais individuais, não devemos deixar que fatores culturais interfiram na expressão das sexualidades e das experiências sexuais, sejam elas coletivas ou individuais.

Exemplos de tais fatores são as inter-relações existentes entre as estruturas sociais, culturais, econômicas e políticas em que se dão esses comportamentos, visto que recentes pesquisas sociais enfatizam o fato de que a sexualidade precisa ser compreendida como uma construção social e cultural (LOYOLA, 1999, p.30).

Dentro dessa exploração em um campo de pesquisa tão complexo como é o universo dos cabarés, questionamos a identidade sexual dessas mulheres. O que é ser entendida? O que enquadra uma mulher nesta condição? O contato sexual com mulher e com homens é fundamental para configurar uma bissexual? Ou basta o desejo? Não seria melhor não definir identidades e assim beneficiar-se da heterossexualidade presumida? É politicamente importante assumir uma identidade entendida, bissexual e porquê?

Ainda nos faz questionar se a homossexualidade é definida pela prática de sexo – acompanhada ou não de afeto – com alguém da mesma configuração sexual biológica; como essa característica pode se tornar uma identidade e ser exteriorizada? Como dizer ao mundo que “sou diferente” ou que pertencço a determinado grupo, se as práticas que definem esse grupo são privadas e subjetivas? E no caso das mulheres prostitutas que se autodenominam “entendidas”? Como pensar essa identidade? Podemos falar de uma bissexualidade?

A pesquisa GRAVAD (Gravidez na Adolescência), desenvolvida pelo CEPESC (Centro de Estudos e Pesquisa em Saúde Coletiva), tem um item desenvolvido em torno da temática bissexual que diz:

A declaração do sexo como uma “fonte de prazer e de satisfação” é maior entre as moças bissexuais (50%). Tal opinião é congruente com o perfil social descrito para homo-bissexuais e com o que poderíamos designar como um estilo de vida que foge ao padrão tradicional esperado para as mulheres (HEILBORN *et al*, 2006, p.378).

Ainda sobre os resultados da pesquisa, temos os seguintes dados:

A aceitação da homossexualidade masculina, expressa na afirmação de que “essas pessoas podem transar com quem desejam” é maior entre as mulheres do que entre os homens: 93% das mulheres homo-bissexuais e, aproximadamente, 73% das mulheres heterossexuais acatam a possibilidade da homossexualidade. [...] Assim, as mulheres homo-bissexuais são as que expressam maior aceitação em relação à homossexualidade, enquanto os homens heterossexuais são os que têm maior rejeição. Esta configuração aponta para uma maior tolerância feminina acerca do tema, o que demonstra maior permeabilidade do gênero feminino à modernização dos costumes sociais (HEILBORN *et al*, 2006, p.381). Percebemos que para as mulheres de acordo com a pesquisa, a bissexualidade para homens e mulheres é experimentada de modo diferenciado. O perfil das mulheres bissexuais tende a ser mais diferenciado do que os heterossexuais (HEILBORN *et al*, 2006, p.392).

Essa tentativa de compreender a identidade das mulheres prostitutas/entendidas nos leva a perceber que a posição que assumimos em relação a uma identidade pode parecer mais natural do que ela realmente é. Pode permitir a definição de padrões biológicos, psicológicos e comportamentais que nem sempre vão estar de acordo com o que os sujeitos realmente fazem, pensam e dizem fazer (HEILBORN *et al*, 2006, p.272).

Ao mesmo tempo em que essas mulheres estão abertas para ter relações afetivo/sexuais com mulheres, elas não descartam a possibilidade de manter relações com homens. Isso nos mostrou as falas de Mariana, Carol, Amanda e Fernanda.

Vivemos uma profunda metamorfose do vínculo social, da dimensão comunitária e da saturação do conceito de indivíduo e da lógica da identidade na contemporaneidade. As entendidas, em algum momento de suas falas, mostram que não têm um objetivo a alcançar, um projeto, seja econômico, político ou social, a realizar. Apresentam-nos algumas razões que justificam as suas escolhas em relação aos clientes que podem despertar um interesse afetivo/sexual entre essas mulheres: tais como o cheiro dos homens (Jaqueline), a idade, como nos falou Carlão, e a possibilidade de poderem sustentar seus filhos como nos deixou claro Mariana.

Percebo a pluralidade sexual entre as prostitutas/entendidas que nos mostram as possibilidades múltiplas existentes em um cenário de vivências sexuais e afetuosas difíceis de compreender porque nos orienta para contramão de uma norma social.

As razões objetivas pelas quais os bissexuais relacionam-se afetivo-

sexualmente com pessoas de um sexo ou outro - ou mesmo ambos -, em momentos específicos de suas trajetórias individuais, são as mais variadas possíveis, indo desde a repressão social de uma (homo)sexualidade recalcada e o desejo de integração à norma heterocêntrica³⁹, até o fato de apaixonar-se por uma mulher ou homem, numa combinação singular de motivos que variam em cada caso.

Toda essa discussão nos remete à pesquisa realizada pelo sexólogo Alfred Kinsey, na década de 40, sobre o comportamento sexual de 50 mil pessoas nos EUA, entre nós conhecida como Relatório Kinsey (1948 e 1953). Os resultados desta pesquisa - sem dúvida, a mais abrangente até então já realizada sobre as práticas sexuais humanas - revelaram dados surpreendentes e escandalosos à época para o conjunto da população masculina e feminina, entre 16 e 55 anos, em um período de 3 anos ao menos. Entre as mulheres, 2% tiveram contatos exclusivamente homossexuais, enquanto 8% das mulheres solteiras, menos de 1% das casadas e 4% a 7% das que haviam sido casadas tiveram contatos predominante e preferencialmente homossexuais. Outro “escândalo” descoberto por Kinsey, à época: mulheres costumam levar umas às outras ao orgasmo muito mais eficazmente do que um homem, geralmente, é capaz de fazer. (GAGNON; 2006, p. 43).

Ao invés de se corroborar a importância da descoberta das eventuais causas da homossexualidade, seguramente o mais importante seria procurar compreender porque os seres humanos têm uma dificuldade expressiva para lidar com a diferença, principalmente quando esta diferença manifesta-se na esfera da sexualidade. Para a reflexão sociológica, portanto, o desafio maior talvez não seja refletir apenas sobre as identidades sexuais ou de qualquer ordem, porém, principalmente, acerca de seus significados e de sua importância no contexto da construção de sociedades justas, solidárias e democráticas.

Em relação às nossas informantes, suas identidades aparecem fluidas, a bissexualidade aparece em uma ambiguidade assumida [...] Mas seria uma identidade dizer-se bissexual? Um princípio positivista identitário muito simples pode ser assim enunciado: “O que é, é; o que não é, não é”. Esta fórmula ingênua não responde aos processos de construção das “entendidas”. Surge negada pela multiplicidade da realidade na qual as mulheres estão inseridas.

³⁹ Onde predominam os desejos dos heterossexuais.

Assim Carabine nos expõe:

Os indivíduos têm identidades múltiplas, não apenas determinadas pela personalidade ou pela sexualidade, mas que se manifestam pelas necessidades ou expressões diversas, segundo os contextos e os momentos. As performances sociais adequadas, segundo as normas, resultam em uma identidade que nos torna visíveis ou que nos permite ser reconhecidos por aqueles que chamo “os meus”. Os movimentos homossexuais, adotando a diferença que lhes é imposta, constroem igualmente um núcleo identitário – ser lesbiana ou *gay*, no sentido ontológico – e criam assim um novo espaço de exclusão: os bissexuais seriam assim os *queers* dos homossexuais, da mesma maneira que estes últimos seriam os *queers* dos heterossexuais. A bissexualidade seria esta nova forma de amor que “não ousa dizer seu nome”? (GOLDMAN, 1996, p.175). E porque devo dizer “amor” quando falo de sexualidade senão para acentuar os valores culturais ligados ao sexo? (CARABINE, 1996, p.50).

Swain analisa um personagem que Elisabeth Daumer (1992, p.90-95) criou - Cloé -, um personagem bissexual, que sonhava:

Com pessoas sem gênero ou sem sexo, ou mesmo andróginas, apenas humanos com os quais ela não seria “mulher” ou “lésbica”; não imaginava uma instabilidade ou uma indecidibilidade, mas uma intimidade não-normatizada em quadros ostensivos de identidade sexual que se tornaria assim uma criação contínua. Uma liberação enfim dos limites identitários e da identidade ligada ao sexo. Esta autora considera, entretanto, os aspectos positivos e negativos desta bissexualidade *queer*. Por um lado, o risco de uma falsa unidade na qual todos os *queers* estariam contidos: o deslizamento para o sentido de uma comunidade, de uma identidade alternativa, de uma terceira opção que apagaria as diferenças e o poder que delas advém (SWAIN, 2001, P.57-98).

No que diz respeito ao (homo)sexualismo, esta escolha aparece como uma expressão oportunista das vantagens de ambos. De forma global, a bissexualidade tende a obscurecer a opressão das mulheres demonstrada pela categoria, levando-se em consideração a ambiguidade que faz parte do mundo; a bissexualidade, por um lado, acentua a descontinuidade entre os atos sexuais e as escolhas afetivas, mas, por outro, reafirma a política de identidade. Mas esta ambiguidade mesma contribui para aprofundar a percepção das diferenças culturais, sexuais e de gênero, abrindo o caminho à multiplicidade (GOLDMAN, 1996, p.176).

A identidade é uma construção em permanência, um processo sem margens e sem limites (GOLDMAN, 1996, p.173). Neste sentido, a identidade não é o sexo, não é a sexualidade; eu não sou um ser de um gênero ou desviante da norma, EU SOU EU.

Concluimos com nossa discussão acerca das mulheres prostitutas/entendidas que a teoria introduz as questões, mas a prática social já está presente em uma política que atravessa de seu poder o domínio estereotipado do imaginário social: pouco importa como interpretamos a bissexualidade: se possui lados negativos ou positivos, pouco importam as atitudes individuais, o paradigma está quebrado, a coragem de assumir suas emoções se propaga. A bissexualidade talvez possa quebrar os grilhões da prisão da sexualidade de gênero e da identidade sexual.

Segundo Swain:

Esses exemplos constituem marcas ideológicas acerca da sexualidade que carregam significados culturais específicos e são, segundo Highwater (1992), indicadores históricos do comportamento sexual e do significado que atribuímos a ele, cuja construção e mudança são formadas em seu entorno sociocultural. Para esse autor, o que é comum e “caracteriza o ponto de vista ocidental é pensar na sexualidade em termos de opostos binários: homem e mulher, heterossexual e homossexual (SWAIN, 2001, P.57-98).

As investigações sobre sexualidade se deparam com questões difíceis de serem abordadas relativas à (homo)sexualidade. Meu estudo visa responder perguntas que estão para além da dimensão de uma perspectiva que se restringe à temática do risco, individual ou coletivo, tais como fazem as pesquisas sobre a sexualidade que enfocam questões acerca de prevenção em relação às DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis), considerando que nossas informantes fazem parte de um grupo de risco quando o assunto é esse. Desse modo, as dificuldades sobre como lidar com o sensível aspecto da estigmatização que recai sobre certas práticas, além de uma relativa instabilidade sobre que elenco de atos inquirir, quando se trata de relações entre pessoas do mesmo sexo (MICHAELS; LHOMOND *apud* HEILBORN; CABRAL, 2006, p.363).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei esta pesquisa a partir do que observei em meu trabalho de campo no mestrado, o qual, na ocasião de apresentação de um projeto para a banca de seleção, se tratava de uma discussão sobre o movimento lésbico na Cidade do Natal. Foi citado anteriormente, no Capítulo um, que em minhas entrevistas com a presidente do GAMI tomei conhecimento de um cabaré que tinha como pré-requisito de aceitação das prostitutas que elas fossem lésbicas. Achei que esse seria um objeto interessante para o desenvolvimento desta dissertação. O que propunha, inicialmente, estava naquele momento, tomando outra direção.

Neste estudo, verifiquei a necessidade de um estudo sobre a identidade e, portanto, da subjetividade das prostitutas em questão.

Ao me deparar com o novo campo de pesquisa, quando comecei a fazer visitas e me inserir naquele universo estigmatizado por mim, verifiquei um estranhamento da informação que me fora dada pela dirigente do GAMI e percebi que a administradora da Casa do Eros não estabelecia o tal pré-requisito. Há as prostitutas “entendidas” e as “não-entendidas” frequentando os cabarés pesquisados.

À medida que eu ia traçando meus passos no campo, desde o estabelecimento de dias de visitas e de horários para as entrevistas, concomitantemente fazia uma leitura das Ciências Sociais e, especialmente, as abordagens que me permitiam compreender as relações que observava nos campos dos estudos sobre a sexualidade, para elaborar o objeto desta pesquisa. Este foi tomando corpo, haja visto que o universo contido na realidade dos cabarés poderiam me levar a outras questões que não fossem estas apreendidas e agora elaboradas.

Construir esse objeto passou pela elaboração de questões que orientaram meu olhar para o campo empírico e a literatura; esta, por sua vez, escassa. O eixo analítico para as questões iniciais foi perceber as relações que se estabelecem entre as práticas eróticas das identidades e corporeidades presentes no universo da prostituta entendida.

Que relações se estabelecem entre determinadas práticas eróticas entre as mulheres informantes deste trabalho? As identidades foram apreendidas a partir de suas práticas sexuais existentes no grupo analisado, levando-se em consideração

como as prostitutas se percebem dentro de seu universo e como essas mulheres significam seus corpos dentro de sua realidade vivida cotidianamente.

Pude observar que as relações estabelecidas entre identidade sexual e corporeidade se dão a partir de convenções sociais materializadas nas relações construídas pelas colaboradoras da pesquisa.

Ao longo deste trabalho, surgiram várias reflexões e cabe destacar algumas delas, sem esgotar o debate.

A primeira questão diz respeito à delimitação do objeto empírico que são mulheres prostitutas que se autodenominam entendidas, pelo que fora dito e o que pude observar em campo.

Os cabarés possuem uma dinâmica comercial própria, através das quais os administradores estabelecem os horários que devem ser cumpridos e obedecidos. A eles, as mulheres, devem obediência de horários, desde os horários quando começam a aparecer os clientes aos de alimentação, tais como: café, almoço e jantar, dentre outros.

Na condição de estabelecimentos comerciais de lazer e sociabilidade, os cabarés, a partir das falas das entrevistadas, tornam-se caminhos para suas perspectivas de futuro, seus itinerários, e percebi o modo como as identidades são produzidas na constituição das identidades das prostitutas que fazem programas nos dois cabarés pesquisados. A observação desses espaços de lazer e de moradia que são os cabarés, para essas mulheres permitiu perceber diferenciações de classes sociais e até mesmo de geração, pois isso fica claro em relação aos perfis das mulheres informantes, atuando em sua organização e, cotejando as entrevistas, delimitar observações identitárias acerca de como elas se vêem no espaço em que atuam, vividos inclusive como lazer e moradia.

O terceiro Capítulo procurou mostrar o olhar dos sujeitos a partir dos quais se pensam as relações entre desejos, práticas eróticas, subjetividades, identidades, para obter um distanciamento que permitisse trabalhar com o grupo de mulheres que compuseram o campo desta pesquisa.

Quando tratamos de uma discussão como essa, estamos lidando com estigmas e durante todas as minhas idas a campo, estes estigmas eram acionados a todo o momento, desde as minhas impressões iniciais, que foram sendo reconstruídas ao longo da inserção no campo e, ou com as falas das prostitutas que ali estavam. Os títulos dos capítulos e os subtítulos configuram o que está sendo

descrito. A afirmação do termo “sapatão” é associada ao excesso de estilos de nomenclaturas com que as mulheres informantes definem sua sexualidade, tendo em vista uma combinação das mais diferentes concepções apreendidas pelo campo pesquisado. A designação “entendida” destaca-se porque, ser entendida, em seus modos de dizer e de produzir cotidianamente quem são, pode ser interpretado como estratégia que, apesar de construídas sobre determinadas convenções estéticas, provocam questionamentos instigantes em relação às normatividades que entrecruzam a sexualidade.

Esta pesquisa encontrou nos campos estudados diversos sujeitos situados em posições semelhantes às relações de poder que envolvem geração, cor, sexualidade. A qualquer momento, ao encontrarmos com um deles, encontramos sujeitos que se constroem lentamente e não são pessoas prontas e acabadas. Não se trata de identidades acabadas, fixas, modeladas, unificadas e pré-existentes. A formação da subjetividade é social e subjetiva e está em constante tensão com questões históricas específicas.

Assim nos diz Facchini (2008, p.291):

Por exemplo, numa situação de entrevista, o sujeito atribui significados a pessoas, eventos e relações, ao mesmo tempo em que relata sua trajetória. A experiência que relata se constitui no próprio processo de produzir o relato, uma vez que a experiência não é fato em si, mas o processo de significação desse fato. No mesmo processo em que se atribui significados, o próprio sujeito pode adquirir novos significados. Imaginemos que esse processo se repete a cada dia, com o sujeito se enunciando como “eu” na relação com outros sujeitos, atribuindo e adquirindo significados, a partir de diferentes temas, eventos e relações. Daí, dizer que os processos de formação da subjetividade são, ao mesmo tempo, sociais e subjetivos.

Portanto, a realidade sexual é variável em diversos sentidos. Está em constante mudança, desde o interior dos indivíduos analisados e de quem os ouve, da mesma forma como é transformada entre os gêneros, ou seja, de gênero para gênero, esta não foi uma abordagem tratada aqui, de classe para classe e de sociedade para sociedade.

O cenário da sexualidade é bastante complexo e explicita algumas mudanças discursivas e certos traços de transformação no que concerne às suas práticas.

A maneira como cada um vive sua sexualidade é, indubitavelmente, parte importante de sua identidade subjetiva e, ou da personalidade psíquica e social dos indivíduos, mas não a define. O que somos, o que cada um é, está para além de sua

prática sexual. Todos nós possuímos uma sexualidade, e esta, devido à singularidade da história de cada um, terá um destino particular; porém não apenas uma única maneira que se proponha certa e universal para as suas manifestações sexuais.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam *et al.* Travestis e transexuais e os outros: identidade e experiências de vida. **Revista Gênero**, Niterói, v. 4, n. 1, p.65-100, jan. 2003. Semestral.

ALMEIDA NETO, Luis Mello de. **Família do Brasil dos anos 90**: um estudo sobre a construção social da conjugalidade homossexual. 1999. f. Tese (Doutorado) - Departamento de Pós-graduação em Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 1999.

ALTMANN, Helena. Educação sexual e primeira relação sexual: entre expectativas e prescrições. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.15, n.2, p.240, 2007.

ANDRADE, Maria Cristina Castilho de. **Mulheres prostituídas**. Disponível no site <<http://www.hottopos.com/seminario/sem2/cris1.htm>> Acesso em 14 nov. 2007.

AQUINO, Luiz Otávio. Discurso lésbico e construções de gênero. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p.79-94, jan. 1995.

ARRIOLA, Elvira. Desigualdades de gênero: lésbicas, gays e teoria legal feminista. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v.2, n.2, 1994.

BARBOZA, Isabel Gamboa. Sociabilidad e identidad en el campo sexual en Costa Rica. Nómadas: **Revista Crítica de Ciencias Sociales y Jurídicas**. Madrid, v.18. n. 2, 2008.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995, p.213.

BENEDETTI, Marcos. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BERUTI, Eliane Borges. Drag Kings: brincando com os gêneros. **Revista Gênero**, Niterói, v.4, n.1, p.55-63, 2003.

BERUTI, Eliane Borges. Relações femininas em the color purple. **Revista Gênero**, Niterói, v.2, n.1, p.103-108, 2001.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BOFF, Leonardo; MURARO, Rose Marie. **Masculino e feminino**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

BONETTI, Alinne de Lima. **Não basta ser mulher, tem que ter coragem**: uma etnografia sobre gênero, poder, ativismo feminino popular e o campo. 2007. f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Departamento de Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2007.

BORGES, Lenise Santana. Lesbianidade na TV: visibilidade e “apagamento” em telenovelas brasileiras. In: GROSSI, Miriam; UZIEL, Anna Paula; MELLO, Luiz. **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p. 363-384.

_____. Feminismo e lesbianismo. **Fazendo Gênero**, Goiania, v. 8, n. 20, p. , 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Coordenação Nacional de DST e AIDS. **Profissionais do sexo**: documento referencial para ações de prevenção das DST e da AIDS/ Secretaria de Políticas de Saúde, Coordenação Nacional de DST e AIDS. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

BRITO, Fabiana Dultra. Corpo e ambiente: co-determinações em processo. Disponível em <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14401-04.pdf>>. Acesso em 4 nov. 2007.

BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, Sandra G. **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: FCC, 2002.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan**: sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires: Paidós, 2002. p.313-339.

CAETANO, Márcio Rodrigo Vale. **Os gestos do silêncio para esconder as diferenças**. 2005. f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências, Departamento de Faculdade de Ciências Sociais, UFF, Niterói, 2005.

CARDOSO, Waleska Mendes. Reconhecimento do direito aos benefícios previdenciários para dependentes que possuem relação homoafetiva com o segurado. Revista eletrônica do Curso de Direito da UFSM, Santa Maria, v. 2, n. 3, nov. 2007. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistadireito/arquivos/v2n3/a02.pdf>>. Acesso em: 4 nov. 2007.

CARRARA, Sérgio. Só os viris e discretos serão amados? **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1906200509.htm>>. Acesso em: 7 nov. 2007.

_____; RAMOS, Sílvia. Política, direitos, violência e homossexualidade: pesquisa na parada do orgulho GLBT – Rio/2003. **Boletim Segurança e Cidadania**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p.-, abr. 2004.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COELHO, Juliana Frota da Justa. Do casulo à borboleta: uma compreensão fenomenológica da travestilidade. Disponível em <http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/J/Juliana_Coelho_16.pdf>. Acesso: 7 nov. 2007.

CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA, 12., 2007, Belo Horizonte. **Sexualidades, Corporalidades e Transgressões**. Belo Horizonte: 2005. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/richardmiskolci/paginas/academico/cientificos/corpo.htm>>. Acesso em: 5 nov. 2007.

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício**: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

DELOUYA, Daniel. A bissexualidade no eixo da escuta psicanalítica: considerações teóricas acerca da clínica. **Revista Ágora**, Cerro Grande, v. 6, n. 2, p.205-214, jul. 2004. Semestral.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. O império dos sentidos: sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna. In: HEILBORN, Maria Luiza. **Sexualidade**: o olhar das Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999. p.-.

DIAS, Afrânio Ferreira; REIS, José Gilmar Guimarães. **"Ser" ou "não ser" homossexual? Eis a questão:** homoerotismo no Brasil. Disponível em: <<http://www.seminariogeneroufpb.org/programa.pdf>>. Acesso em: 7 nov. 2007.

DIAS, Maria Berenice. **Um voto para a homoafetividade.** Disponível em: <<http://www.mundojuridico.adv.br>>. Acesso em 4 nov. 2007.

ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 9., 2008, São Leopoldo. **Viveres urbanos e homossexualidades juvenis narradas.** São Leopoldo: Oikos, 2008.

FACHINNI, Regina. **Entre umas e outras:** mulheres (homo)sexualidades e diferenças na Cidade de São Paulo. 2008. f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Ciências Sociais, Departamento de Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

FALQUET, Jules. **Breve resenha de algumas teorias lésbicas.** Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/R0014-1.pdf>> Acesso em 4 nov. 2007.

FARIAS, Francisco de. Esse olho que olha... mata! prostituição, crime organizado e gozo. **Revista Temp. Psic**, Rio de Janeiro, n. , p.135-153, 1995. Disponível em: <www.spid.com.br/download/tp28/07%20TP28%20%20Francisco%20de%20Farias.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2007.

FERRARI, Anderson. Mãe! E a tia Lu? É menino ou menina? corpo, imagem e educação. **Revista Temp. Psic**, Niterói, v. 4, n. 1, p.115-132, 1 jul. 2003.

FONTANELLA, Fernando Israel. **A estética do brega:** cultura de consumo e o corpo nas periferias do Recife. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação. 2005. f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

FRANÇA, Isadora Lins. **Sobre "guetos" e "rótulos":** tensões no mercado GLS na Cidade de São Paulo. São Paulo: 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332007000100011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 10 nov. 2007.

FRANÇA, Kelly Bedin. Resenha de corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação de Louro Guacira Lopes, Jane Felipe Neckel Y Silvana Vilodre Goellner. **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p.186-190, jan. 2005.

FRY, Peter. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **História da Sexualidade II**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro, Graal, 2006.

FONSECA, Cláudia. A dupla carreira da mulher prostituta. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 4, n.-, p.-, 1996.

_____. A morte de um gigolô: fronteiras da transgressão e sexualidade nos dias atuais. In: GREGORI, Maria Filomena; PISCITELLI, Adriana; CARRARA, Sergio. **Sexualidades e saberes, convenções e fronteiras**. São Paulo: Garamond, 2004. p. 257-282.

_____. Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. , n. 10 , p.58-78, jan. 1999.

FURLAN, Fernando de Almeida Silveira Reinaldo. **Corpos sonhados-vividos**: a questão do corpo em Foucault e Merleau-Ponty. 2005. f. Tese (Doutorado) - Departamento de Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005.

GAGNON, Jonh H. **Interpretação do desejo**: ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GARCIA, Wilton. O corpo contemporâneo: a imagem do metrossexual no Brasil. **Revista Virtual de Humanidades**, Porto Alegre, v. 8, n. 17, p.101-126, jul. 2004.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1993.

_____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GÓES, Roderlei Nagib. **Entre deuses**: notas etnográficas do olimpo. 2007. f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

GÓIS, João Bosco Hora. Desencontros: as relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil. **Revista Gênero**, Niterói, v. 4, n. 1, p.7-16, jul. 2003.

GOLDFARB, Catullo. **Corpo, tempo e envelhecimento**. São Paulo: Editora do Psicólogo, 1998.

GOMES, Tiago de Melo. **Massais, mulatas, meretrizes**: imagens da sexualidade feminina no Rio de Janeiro dos anos 1920. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332004000200005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 14 nov. 2007.

GOMIDE, Sílvia. **Formação da identidade lésbica**: do silêncio ao saber. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=2atZP5Tou4kC&pg=PA405&lpg=PA405&dq=S%C3%ADlvia.+Forma%C3%A7%C3%A3o+da+identidade+l%C3%A9sbica:+do+sil%C3%A2ncio+ao+saber.&source=bl&ots=JU2dt_eY6&sig=jM8YCvWLnic812Mn0v3l3knYmQ&hl=ptBR&ei=52ahSeesHNPGtgez2GGDQ&sa=X&oi=book_result&resnum=1&ct=result>. Acesso em: 5 nov. 2007.

GONDIM, Rogério C; KERR-PONTES, Lígia R S. Homo/bissexualidade masculina: um estudo sobre práticas sexuais desprotegidas em Fortaleza. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 3, n. 1, p.-, dez. 2000.

GRANT, Walkíria Helena. Considerações sobre a homossexualidade feminina. **Psyché**, São Paulo, v. 6, n. 9, p.137-150, jan. 2002.

GREGORI, Maria Filomena. Relações de violência e erotismo. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 20, p. 87-120, 2003.

GRIGOLETTO, Marisa. Leituras sobre a identidade: contingência, negatividade e invenção. In: MAGALHÃES, I.; CORACINI, M. J.; GRIGOLETTO, M. **Práticas identitárias**: língua e discurso. São Paulo: Claraluz, 2006. p.15-26.

GROSSI, Miriam Pillar. **Na busca do “outro” encontra-se a “si mesmo”**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1992.

GROSSI, Miriam Pillar et al. (Org.). **Interdisciplinaridade em diálogos de gênero: teorias, sexualidades, religiões**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004.

_____; MELLO, Luiz; UZIEL, Anna Paula. Conjugalidades e parentalidades de gays, lésbicas e transgêneros no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 2, p.-, set. 2006.

GUIMARÃES, Katia; MERCHÁN-HAMANN, Edgar. Comercializando fantasias: a representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p.320, dez. 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.

HEILBORN, Maria Luiza; BRANDÃO, Elaine Reis. **Ciências Sociais e sexualidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Construção de si, gênero e sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999.

_____. Entre as tramas da sexualidade brasileira. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p.336, abr. 2006.

_____. **Família e Sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. Gênero e condição feminina: uma abordagem antropológica. **Mulher e Políticas Públicas**, Rio de Janeiro: IBAM, 1991.

_____. Ser ou estar homossexual: dilemas de construção da identidade social. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina. **Dilemas de construção da identidade social**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996. p.136-145.

_____. (Org.). **Família e Sociedade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. A primeira vez nunca se esquece. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 6, n. 2, p.336, fev. 1998.

JACQUAR, Alberto. **A explosão demográfica**. São Paulo: Ática, 1998.

JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Record - Rosa dos Tempos, 1997.

JAMESON, Frederico. **Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1997.

LACOMBE, Andréa. **De entendidas e sapatonas: socializações e masculinidades em um bar no Rio de Janeiro**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332007000100010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 14 nov. 2007.

LAGO, Regina Ferro de. Bissexualidade masculina: uma identidade negociada? In: HEILBORN, Maria Luiza. **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p.-.

LANG, Daniel Welzer. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, n. , p.-, jul. 2007. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2001000200008>. Acesso em: 5 nov. 2007.

LAQUER, Thomas Walter. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEONEL, Vange. **[Texto sobre gênero]**. Disponível em: <<http://mixbrasil.uol.com.br/cio2000/grrrls/meme/meme.sh>>. Acesso em: jul. 2007.

LEONINI, Luisa. Os clientes das prostitutas: algumas reflexões a respeito de uma pesquisa sobre prostituição em Milão. In: SCHPUN, Monica. **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo, 2004, p.70-107.

LIMA, Marcus A. Assis. **Em busca da normalidade: sui generis e o estilo de vida gay**. Niterói: Gênero, 2001.

LOYOLA, Maria Andréa. A sexualidade como objeto de estudo das ciências humanas. In: HEILBORN, Maria Luiza (org.). **Sexualidade: o olhar das Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.

_____. (org.). **A sexualidade nas ciências humanas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

LOPES, Denilsom. O entre-lugar das homoafetividades. **Ipotesi, Revista de Estudos Literários**, Juiz de Fora, v. 5, n. 1, p.37 a 48.

LOPES, João Teixeira. **Razão, corpo e sentimento na teoria social contemporânea**. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1490.pdf>>. Acesso em: 7 nov. 2007.

LOPES, Maria Antonia. **Mulheres, espaço e sociabilidade**. Lisboa: Livros Horizonte, 1989.

LOPONTE, Luciana Grupelli. Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 10, n. , p.-, jul. 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **Gênero e sexualidade: as múltiplas verdades da contemporaneidade**. Disponível em: <http://www.grupalfa.com.br/arquivos/Congresso_trabalhosII/palestras/Guacira.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2007.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Corpo e Moralidade Sexual em grupos religiosos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. , p.-, jul.1995.

MARINHO, Mônica Benfica. **A carreira da prostituta militante: um estudo sobre o papel das práticas institucionais na construção da identidade da prostituta militante da Associação das Prostitutas da Bahia**. 2006. 100 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

MARTIN, Emily. **A mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

MATOS, Maria Izilda; SOIHET, Rachel (org.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MEINERZ, Nádya Elisa. Um olhar sexual na investigação etnográfica: notas sobre trabalho de campo e sexualidade. In: BONETTI, Alinne de Lima; FLEISCHER, Soraya (Org.). **Entre saias justas e jogos de cintura**. Florianópolis: EDUNISC, 2007, p.-.

MENDIARA, Irina. Cuerpos que pertuban: el peligro sexual em la identidad nacional. **Revista Gênero**, Niterói, v. 3, n. 2, p.115-127, jan. 2003.

MISKOLCI, Richard. Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.14, n. 3, p.272, dez. 2006.

MORAES, Fonseca Aparecida. **Mulheres da vila**: prostituição, identidade social e movimento associativo. Petrópolis: Vozes, 1996.

MOTT, Luis. **Homossexualidades**: mitos e verdades. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2003.

_____. Homossexual também é ser humano: a construção da cidadania de gays, lésbicas e travestis no Brasil. Recife: Gajop, 2006.

MOUTINHO, Laura. Negociando com a adversidade: reflexões sobre “raça” e [homos]sexualidade social no Rio de Janeiro. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.14, n. 1, p.336, abr. 2006.

MURARO, Rose Marie. **Sexualidade da mulher brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1983.

NARDI, Henrique Caetano; POCAHY, Fernando Altar. Saindo do armário e entrando em cena: juventudes, sexualidades e vulnerabilidades sociais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.15, n. 1, p.280, abr. 2007.

NETTO, Conceição Couto. **Pele de Gaya**: o amor entre mulheres. Rio de Janeiro: Numem Editora, 1993.

NUSSBAUM, Martha. Comercializando fantasias: a representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, vol.13, n. 3, p.-, dez. 2005.

OLIVEIRA, Antonio Eduardo de. O espaço homoafetivo de Caio Fernando Abreu. **Revista Gênero**, Niterói, v. 4, n. 1, p.47-53, jul. 2003.

OLIVEIRA, Caroline Schweitzer de. **Assumir-se lésbica**: desafios e enfrentamentos. Disponível em: <http://74.125.47.132/search?q=cache:9OrBpXMANBsJ:www.comuniles.org.br/index.php%3Foption%3Dcom_content%26task%3Dview%26id%3D57%26Itemid%3D39+Assumirse+L%C3%A9sbica:+Desafios+e+Enfrentamentos.&hl=ptBR&ct=clnk&cd=1&gl=br>. Acesso em: 5 nov. 2007.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

OLIVEIRA, Tais Leal de. **Teoria queer e estigma**: a construção de performances homoafetivas em narrativas de histórias de vida. 2006. f. Tese (Doutorado) - Departamento de Pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

PAGANINI, Vera Lúcia; SILVA, Célio César da. **Arte e teoria queer**: uma questão de gênero. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais16/sem03pdf/sm03ss11_08.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2007.

PASINE, Elisiane. **Sexo para quase todas**: a prostituição feminina na Vila Mimosa. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000200008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 14 nov. 2007.

_____. Limites simbólicos corporais na prostituição feminina. **Caderno Pagu**, Campinas, v. -, n. 25, p.-, dez. 2005.

PELÚCIO, Larissa. **Na noite nem todos os gatos são pardos**: notas sobre a prostituição travesti. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332005000200009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 14 nov. 2007.

_____. Três casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.14, n. 2, p.248, ago. 2006.

_____. “No salto”: trilhas e percalços de uma etnografia entre travestis que se prostituem. In: BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya. (Org.). **Entre saias justas e jogos de contura**. Florianópolis: EDUNISC, 2006, p.93-124.

PEREIRA, Cláudia da Silva. Adolescente, feminino, plural: um corpo em construção. **Revista Gênero**, Niterói, v. 4, n. 1, p.151-168, jul. 2003.

PEREIRA, Cristiana Schettine. **Lavar, passar e receber visitas**: debates sobre a regulamentação da prostituição e experiências de trabalho sexual em Buenos Ayres e no Rio de Janeiro, fim do século XIX. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332005000200002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 14 nov. 2007.

PINTO, Joana Plaza. Performatividade radical: ato de fala ou ato de corpo? **Revista Gênero**. Niterói, v. 3, n. 1, p.101-110, jul. 2002.

PEREZ, Juan Carlos el Gaudi. **Cuerpo en venta**. São Paulo: Livraria Cultura, 2000.

PRINS; BAUKJE; MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, vol.10, n. 1, p.-, jan. 2002.

PROSTITUTAS, “traficadas” e pânicos morais: uma análise da produção de fatos em pesquisas sobre o “tráfico de seres humanos”. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. , p.153-184, jul. 2005.

RODRIGUES, Sérgio Murilo. A relação entre o corpo e o poder em Michel Foucault. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 9, n. 13, p.109-124, jun. 2003.

ROCHA, Susana Alcântara; TAVEIROS, Maria Dulce Amorim. **As uniões homoafetivas à luz da Ciência da Psicologia quanto aos aspectos emocionais e preconceituosos**. 2007. f. Monografia (Especialização) - Curso de Psicologia, Departamento de Faculdade de Psicologia, Faculdade de Ciências Humanas FCH/CESMAC, Maceió, 2007.

RUIZ, José Luiz Solana. **Cuestionando estereótipos sobre lãs mujeres prostitutas**. Disponível em: <http://www.ugr.es/~pwlac/G18_08JoseLuis_Solana_Ruiz.html>. Acesso em: 14 nov. 2007.

RUSSO, Gláucia Helena Araújo. **Rodando a bolsinha: dinheiro e relação de prostituição.** 2006. f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, CCSA, UFRN, Natal, 2006.

SANTOS, Rick. Cassandra Rios e o surgimento da literatura gay e lésbica no Brasil. *Revista Gênero*, Niterói, v. 4, n. 1, p.17-31, jul. 2003.

SCHWBELL, Dominique Fougeyrollas. As relações sociais de sexo: novas pesquisas ou renovação da pesquisa? *Revista Estudos Feministas*, vol. 2, n. , p.-, jul. 1994.
SCHPUN, Mônica Raisa (org.). **Masculinidades.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

SENNET, Richard. **O corpo e a cidade na civilização ocidental.** Rio de Janeiro: Record, 2006.

SEMINÁRIO DE GÊNEROS E PRÁTICAS CULTURAIS, 1., 2007, João Pessoa. **Práticas discursivas sobre a homossexualidade.** João Pessoa: 2007. Disponível em: <www.seminariogeneroufpb.org>. Acesso em: jul. 2007.

SILVA, Hélio R. S. **Travesti: a Invenção do feminino.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.

SWAIN, Tânia Navarro. Para além do binário: os queers e o heterogênero. *Revista Gênero*, Niterói, v. 2, n. 1, p.57-98, jul. 2001.

_____. Figuras de mulher em Simone de Beauvoir: a mãe e a prostituta. *Caderno Espaço Feminino*, v. 11, n. 14, p.-, jan. 2004.

WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais.** São Paulo: Editora Cortez, 2001, p.107-154.

VENCATO, Anna Paula. Fora do armário, dentro do closet: o camarim como espaço de transformação. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 24, n. , p.227-247, 2005.

VIANNA, Alexander Martins. Sexo, Cultura & Política. *Revista Gênero*, Niterói, v. 2, n.1, p.99-102, jul. 2001.

ANEXOS



PROJETO DIAMANTE BRUTO

QUESTIONÁRIO

NOME: _____

IDADE: _____ ESCOLARIDADE: _____

ENDEREÇO: _____

CASA PRÓPRIA: () SIM () NÃO

RELIGIÃO: _____ TEM FILHOS, QUANTOS? _____

LOCAL DE TRABALHO: _____ RENDA: _____

CURSO QUE JÁ FÊZ: _____ JÁ SOFREU ALGUMA VIOLENCIA? _

SE SOFREU A QUEM PEDIU AJUDA: _____

É USUÁRIA DE ALGUMA DROGA? _____ QUAL: _____

1) JÁ TEVE ALGUMA DOENÇA SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEL?
QUAL? _____

2) QUAL EXAME REALIZOU NESTE ÚLTIMO ANO? _____

13) AIDS PEGA

- USANDO A MESMA TOALHA SEXO SEM CAMISINHA
 TRANSFUSÃO DE SANGUE BEIJO NA BOCA
 ABRAÇO OU APERTO DE MÃO DIVIDINDO DROGAS INJET

14) PARA VOCE, QUEM TEM MAIS FACILIDADE DE ADQUIRIR UMA DST/HIV/AIDS? _____

15) COMO VOCE COSTUMA TRATAR UMA PESSOA VIVENDO COM AIDS:

- COM MEDO COM INDIFERENÇA
 COM CARINHO MANTENDO DISTANCIA

**16) VOCE É FILIADA OU SIMPATIZANTE DE ALGUMA ORGANIZAÇÃO?
QUAL?** _____

**17) ONDE VOCE TEM ACESSO FACIL PARA CONSULTA MÉDICA E
REALIZAÇÃO DE EXAMES?** _____

**18) É SIMPATIZANTE DE ALGUM PARTIDO POLÍTICO ?
Qual?** _____

19) CITE UMA COMEMORAÇÃO IMPORTANTE PARA VOCE:

**20) SE FOSSE ESCOLHER OUTRA PROFISSÃO, QUAL DESTAS
ESCOLHERIA:**

- MEDICINA ADVOGADA JORNALISTA
 COMERCIANTE NENHUMA OUTRAS

**21) VOCE É A FAVOR OU CONTRA A LEGALIZAÇÃO DA PROSTITUIÇÃO?
POR QUÊ?**

LOCAL: _____ **DATA:** ____/____/____

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)